



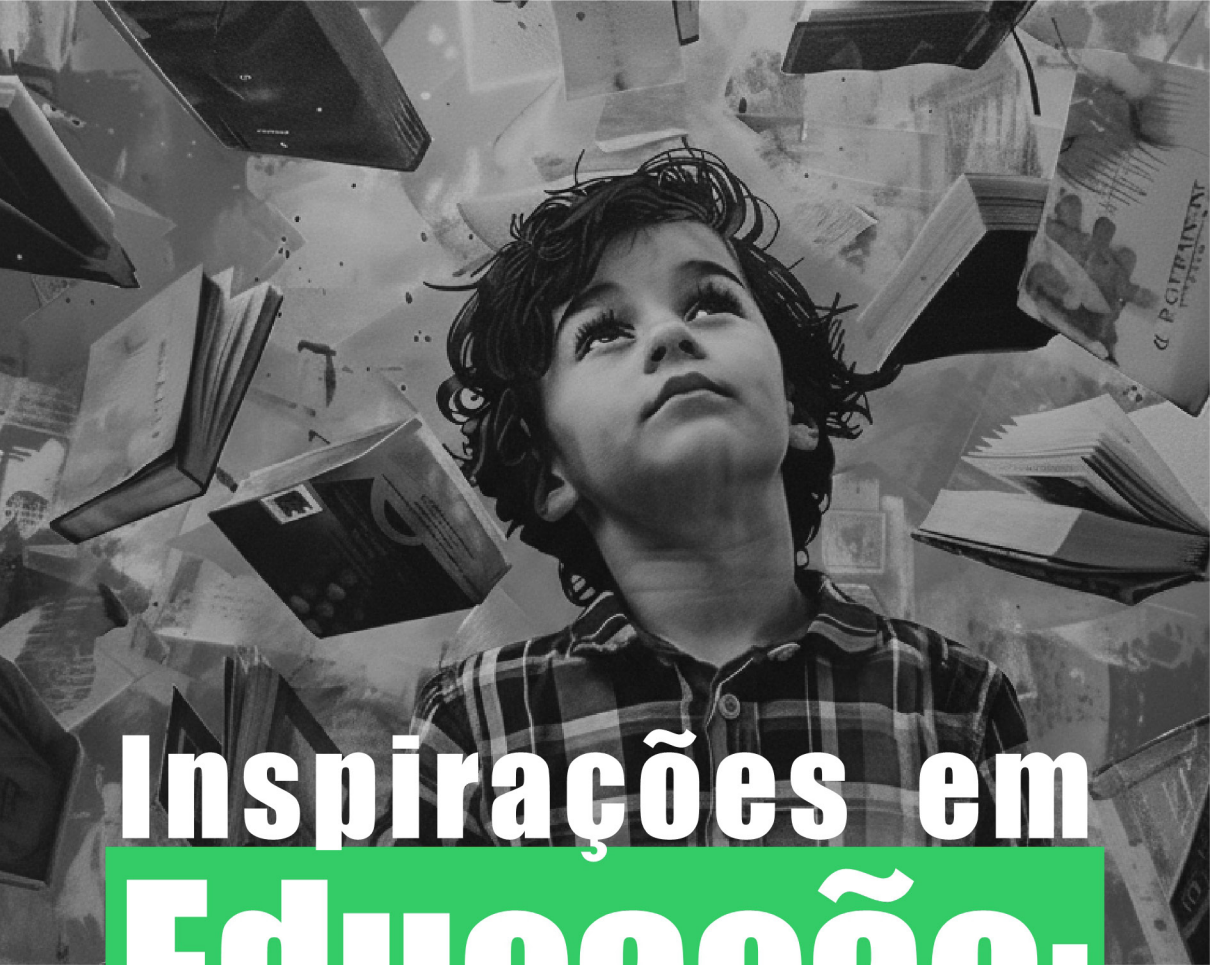
Inspirações em Educação:

Experiências Exitosas em Porto dos Gaúchos - MT

Eliane Maria de Jesus
Rosa Amélia Caccia
Bruno Misiak Santana
Vanessa Suligo Araújo Lima
(Organizadores)



AYA EDITORA
2025



Inspirações em Educação:

Experiências Exitosas em Porto dos Gaúchos - MT



Inspirações em Educação:

Experiências Exitosas em Porto dos Gaúchos - MT

Eliane Maria de Jesus
Rosa Amélia Caccia
Bruno Misiak Santana
Vanessa Suligo Araújo Lima
(Organizadores)

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadores

Eliane Maria de Jesus

Rosa Amélia Caccia

Bruno Misiak Santana

Vanessa Suligo Araújo Lima

Capa

AYA Editora©

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chirolí (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)
Prof.ª Dr.ª Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.º Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.º Dr. Rômulo Damasclín Chaves dos Santos (ITA)
Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.º Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.º Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães (CIESA)
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.ª Ma. Denise Pereira (FASU)
Prof.º Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.º Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.º Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.ª Dr.ª Lucimara Glap (FCSA)
Prof.ª Dr.ª Maria Auxiliadora de Souza Ruiz (UNIDA)
Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch (FASF)
Prof.ª Dr.ª Rosângela de França Bail (CESCAGE)
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens (FASF)
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares (UFPI)
Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tássia Patricia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2025 - AYA Editora

O conteúdo deste livro foi enviado pelos autores para publicação em acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). Este livro, incluindo todas as ilustrações, informações e opiniões nele contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva dos autores. Estes detêm total responsabilidade pelo conteúdo apresentado, que reflete única e inteiramente sua perspectiva e interpretação pessoal.

É importante salientar que o conteúdo deste livro não representa, necessariamente, a visão ou opinião da editora. A função da editora foi estritamente técnica, limitando-se aos serviços de diagramação e registro da obra, sem qualquer influência sobre o conteúdo apresentado ou as opiniões expressas. Portanto, quaisquer questionamentos, interpretações ou inferências decorrentes do conteúdo deste livro devem ser direcionados exclusivamente aos autores.

I57 Inspirações em educação: experiências exitosas em Porto dos Gaúchos -MT [recurso eletrônico]. / Eliane Maria de Jesus (organizadora)... [et al.] -- Ponta Grossa: Aya, 2025. 64 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-884-7

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489

1. Educação. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. 4. Educação ambiental. 5. Educação de crianças. 6. Educação pré-escolar. 7. Alfabetização. 8. Incentivo à leitura. 9. Língua brasileira de sinais. 10. Matemática – Estudo e ensino. I. Jesus, Eliane Maria de. II. Caccia, Rosana Amélia. III. Santana, Bruno Misiak. IV. Lima, Vanessa Suligo Araújo. V. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

Apresentação.....11

01

A Primavera Chegou13

Olga Dillenburg Rezer

Elizângela Alves Neves

Lucineia Neves Ferreira França

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.1

02

Corredor: Um Espaço de Aprendizagem na Educação Infantil17

Maria da Conceição de Carvalho

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.2

03

Uma Coisa Vira Outra: Uso Do Material Reciclado Como Recurso Didático Pedagógico Na Educação Infantil20

Leniana Heinen Feitosa

Erleide Araujo de Oliveira

Luciene Aparecida Martins

Suélyn Elise Eidt Bertol

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.3

04

Jogo como Estratégia de Aprendizagem na Pré-Escola: Boliche das Rimas24

Alenice Carneiro

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.4

05

Cantigas de Roda na Educação Infantil: Uma Abordagem Lúdica no Desenvolvimento Integral da Criança.....28

Silvinha Santana da Silva

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.5

06

Práticas Integradas de Leitura na Alfabetização: da Sacola Literária à Sala de Aula31

Cristiane de Jesus Melo

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.6

07

Receitas para Aprender: O Papel do Gênero Textual Receita no Processo De Alfabetização35

Flávia Moraes Rosa

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.7

08

Aprendendo a Brincar com os Números: Estratégias de Composição e Decomposição39

Rachel Vitale Fiorillo Gama

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.8

09

Plano de Recomposição de Aprendizagens: Estratégias para o Fortalecimento do Letramento Matemático no 4º Ano do Ensino Fundamental43

Bruno Misiak Santana

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.9

10

Aprender e Ensinar em Libras: Um Relato de Inclusão no 5º Ano do Ensino Fundamental47

Nágila Daiane Polítowski

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.10

11

Dupla Dinâmica na Inclusão: Desvendando os Desafios e Fortalecendo a Parceria Entre Professor Regente e Auxiliar no Processo de Ensino e Aprendizagem Inclusivo.....50

Jeferson Candido de Oliveira Santos

12

Da Rotina ao Acolhimento: Reflexões a Partir de uma Prática Exitosa na Construção de uma Rotina Segura e Afetiva no Transporte dos Alunos.....53

Nayara da Silva Minozzo Gonçalves
Ketaly Leão da Silva
Iuslaene Pereira dos Santos

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.12

13

Era Uma Vez: O Encanto da Leitura na Educação Infantil56

Claudiane Eidt Bertol
Flávia Ferreira Muniz

DOI: 10.47573/aya.5379.2.489.13

Organizadores	59
Índice Remissivo	60

APRESENTAÇÃO

Apresentamos o **“E-book: Inspirações em Educação- Experiências exitosas em Porto dos Gaúchos”**, obra nascida do desejo de publicizar o que o nosso município tem mobilizado no cotidiano de nossas escolas. O presente e-book, reúne alguns relatos de experiências bem-sucedidas e estratégias exitosas realizadas pelos profissionais que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Inclusiva e Gestão Escolar. Os relatos aqui construídos são tecidos em diálogo com práticas pedagógicas que evidenciam melhoras no desempenho da escola e resultados significativos na aprendizagem dos estudantes.

Considerando que após escrito um texto tem sempre destino errante, sabemos que este livro em formato digital após publicado encontrará leitores diversos. Assumimos ainda assim que sua publicação é destinada a profissionais da educação e gestores que buscam melhorar suas práticas pedagógicas e almejam a qualidade da educação em suas escolas. Mas, ainda endereçado a quem possa se interessar pelas questões próprias do fazer educação pública, gratuita e de qualidade.

A construção do material foi uma experiência desafiadora com grande expectativa de êxito, uma ação mobilizada pelo Núcleo de Formação Educacional (NFE)¹, que contou com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, de uma equipe organizadora e da adesão dos profissionais para compartilhar suas vivências pedagógicas em forma de relatos de experiência, contribuindo de forma significativa para a tessitura de um material de qualidade e que faça sentido para o público leitor. Em um movimento que reconhece ainda que quando nos propomos a publicar algo sempre devemos estar abertos a críticas que possam dele advir.

Neste ponto, consentimos com Nóvoa (2002, p. 27), que “não é fácil definir o conhecimento profissional: tem uma dimensão teórica, mas não é só teórico; tem uma dimensão prática, mas não é apenas prático; tem uma dimensão experiencial, mas não é unicamente produto da experiência”. De modo que no movimento de nos tornar educadores, mobilizamos e concedemos o que Nóvoa (2002) chama de um estatuto ao saber da experiência. Não valorizando a prática em detrimento da teoria, mas, assumindo que nas práticas cotidianas ambas se entrelaçam na constituição dos fazeres e saberes escolares.

As contribuições que compõem este E-book revelam processos de ensino e aprendizagem em um contexto marcado por mudanças educacionais na rede municipal de ensino, por metas parametrizadas pelos programas educacionais, pautadas na busca pela equidade e por melhores índices na alfabetização das crianças, avanço nos resultados na proficiência em Língua Portuguesa e na matemática, bem como a inclusão dos estudantes na rotina diária e no planejamento

1 O NFE foi instituído este ano de 2025, e tem como foco fomentar as formações dos profissionais da Educação do município.

de ensino. Os textos oferecem uma leitura que evidencia a articulação entre práticas pedagógicas, formação de leitores e a capacidade de compreender e produzir textos.

Os capítulos estão organizados por eixos a saber: Educação Infantil (creche); Educação Infantil (Pré-Escola); Ensino Fundamental (Alfabetização); Ensino Fundamental (4ºano); Inclusão; Apoio Administrativo Educacional – E (Auxiliares) e Gestão Escolar.

Os cuidados e comprometimento no compartilhamento de práticas, demonstra compromisso ético e estético dos profissionais de nossas escolas, que engajados juntam-se a nós na busca de uma escola cada vez mais justa e acolhedora. Compreendendo escola justa como “aquela que, sem degenerar, inclui, não exclui e qualifica as novas gerações. É aquela que lida com as heterogeneidades, as respeita e leva a aprendizagens eficazes” (Gatti, 2013, p.53).

A diversidade temática e os segmentos contemplados pretendem inspirar a comunidade escolar e fomentar o diálogo entre educadores, pesquisadores e gestores, tendo como subsídios as práticas escolares que fazem a diferença no contexto escolar e promovem a inclusão, práticas mais integradas, contextualizadas e em contextos diversos: de professor, de apoio e de gestor escolar, vários perfis numa rotina de ações específicas, mas que os objetivos são os mesmos: de avançar no processo metodológico de ensino, de contribuir no desenvolvimento das habilidades cognitivas, socioemocionais e na autonomia dos estudantes.

Diante disso, o texto aqui escrito é convite a abertura ao pensar e fazer educação numa perspectiva de mudança da realidade e avanços significativos, em uma busca constante pela superação dos desafios que para nós se apresentam. Com sentimento de pertencimento e dever cumprido ao que aqui nos propomos a fazer, fica o desejo de que todos conosco componham uma leitura crítica e reflexiva sobre o fazer educação na contemporaneidade.

Boa leitura!

Eliane Maria de Jesus
Rosa Amélia Caccia

Referências

GATTI, Bernadete A. **Educação, escola e formação de professores:** políticas e impasses. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013. Editora UFPR.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação.** 3º ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.



A Primavera Chegou

Olga Dillenburg Rezer

Licenciada em Pedagogia pela UNEMAT, Professora Efetiva; lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Elizângela Alves Neves

Licenciada em Pedagogia, Pós- Graduada em Educação Infantil, apoio administrativo educacional E efetiva; lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Lucineia Neves Ferreira França

Cursando Biologia, apoio administrativo educacional E; lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Resumo: A educação infantil é essencial para o desenvolvimento das crianças, ajuda a desenvolver habilidades sociais e emocionais, como cooperação, empatia e autocontrole e ainda promove a criatividade e a curiosidade que são importantes para o sucesso escolar e a vida das crianças. A atividade desenvolvida “A Primavera Chegou” buscou despertar nas crianças a curiosidade e o cuidado com as plantas do jardim da instituição de ensino e também desenvolver o interesse no cuidado com as plantas e consequentemente com o meio ambiente cuidando e preservando a natureza. Além, de envolver as famílias com a atividade, buscamos ensinar as crianças sobre a responsabilidade e o compromisso no cuidar de uma planta. Os objetivos principais da atividade foram compartilhar espaços e objetos, respeitar regras, dialogar com colegas e adultos, compartilhar situações de cuidados com as plantas e relatar experiências vividas. Pensar na atividade sobre a primavera foi gratificante, apesar dos desafios encontrados a realização da atividade foi bastante proveitosa, as crianças se envolveram de maneira encantadora com a proposta, pois a maioria gosta muito de brincar com terra e viram então a possibilidade de brincar e construir algo ao mesmo tempo, e o que mais empolgava as crianças era o fato de poder levar uma mostra de seu trabalho para casa e mostrar para a mamãe. Assim, a experiência evidenciou que atividades simples e significativas podem despertar nas crianças o cuidado, o encantamento e o respeito pela natureza, fortalecendo vínculos entre escola, família e meio ambiente.

Palavras-chave: aprendizagem; brincar; cuidado.

INTRODUÇÃO

Ao observar as crianças brincando no Parque da creche podemos perceber que sempre procuram as flores que encontram para colher e oferecer para as profissionais que estão com elas. Trazendo a memória experiências de anos anteriores em que realizamos uma atividade de plantio de onze horas em potes e posteriormente entregamos para as crianças levarem para casa e após algum tempo tivemos o privilégio de receber mensagens de algumas famílias com fotos das plantinhas que estava sendo cuidadas pelas crianças e suas famílias.

Considerando este interesse que surgiu espontaneamente nas crianças e aproveitando a sugestão encontrada no livro mais infância vimos a necessidade de cuidar melhor das poucas plantas que temos devido à falta de espaço para jardim.

Nesse contexto, a atividade foi planejada com base nos seguintes “Objetivos de Aprendizagem da BNCC”: (EI02EO03) compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos; (EI02EO06) respeitar

regras básicas de convívio social nas interações e brincadeiras; (EI02ET03) compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela; (EI02EF01) dialogar com as crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões; (EI02EF05) relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos.

Nesse processo de planejar e desenvolver práticas que aproximam as crianças da natureza e da experiência concreta, compreendemos, conforme Freire (1996, p. 47), que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Essa concepção inspirou o trabalho, valorizando o diálogo, a ação e a curiosidade como caminhos de aprendizagem, para que os estudantes construam sua aprendizagem através do desenvolvimento das atividades educacionais planejadas.

Assim, a partir desse olhar, para as plantas e com base nos objetivos de aprendizagens que buscamos desenvolver, contextualizados com o cotidiano dos alunos e, aproveitando a chegada da primavera buscamos conversar com as crianças sobre flores e plantas do jardim, através de uma história introdutória “A Margarida Insatisfeita”.

Depois juntamente com as crianças podamos o hibisco, cavamos e adubamos a terra depois de molhar plantamos algumas mudinhas de onze horas para melhorar a jardinagem. Motivadas pelo trabalho realizado em anos anteriores surgiu a ideia de ampliarmos a proposta levando as crianças a plantarem em vasinhos mudas de onze horas, em que as crianças prepararam a terra, molharam e plantaram os galhinhos.

Em outro momento as crianças foram convidadas a molhar as plantinhas que serão entregues para serem levados para casa no final do projeto, com o intuito de incentivá-los a dar continuidade no cuidado com a plantinha juntamente com sua família, buscando valorizar as belezas no meio ambiente.

DESENVOLVIMENTO: DO JARDIM AOS VASINHOS

As atividades foram realizadas em vários momentos. O primeiro momento foi a introdução com a roda de história e conversa. A história utilizada para fazer a introdução do assunto foi “A Margarida Insatisfeita” e logo em seguida realizamos uma roda de conversa sobre as plantas que existem no parque da escola e que as crianças gostam de pegar as flores e entregar para as professoras, falamos sobre a importância de cuidá-las e então explicamos que faríamos uma adubação e plantaríamos mais algumas florezinhas para embelezar mais o espaço explanando também sobre a necessidade de cuidarmos bem daquele espaço a fim de que ficasse cada vez mais bonito e florido.

Na sequência levamos adubo orgânico e após molhar o canteiro orientamos as crianças a cavarem para deixar a terra fofa e acrescentamos o adubo para melhorar o solo, molhamos novamente e em seguida plantamos alguns galhinhos

de “onze horas”. As crianças se envolveram de maneira efetiva e empolgadas no mover e adubar a terra, assim como no plantar as mudinhas.

Em outro momento convidamos as crianças para realizarmos o plantio das “onze horas” nos vasinhos que estavam previamente identificados com o nome de cada criança. As crianças individualmente, colocaram terra nos vasinhos, molharam e plantaram os galhinhos.

Durante o desenvolver das plantas algumas crianças foram convidadas a molhá-las. Alguns dias depois quando as plantinhas já estavam crescidas e verdinhas levamos as crianças para ver as plantas e cada uma pegou o seu vasinho para observar como haviam crescido. Na área externa também melhoramos o canteiro colocando mais terra adubada e plantando mais algumas mudinhas de flores.

No final do mês quando as flores dos vasinhos já estavam pegas e com alguns botõezinhos florescendo entregamos para as crianças levarem para casa e continuar o cuidado juntamente com seus familiares.

No canteiro do jardim pedimos a colaboração dos demais profissionais da instituição para que orientassem as crianças a desenvolverem situações de cuidados com as plantas para que pudessem ficar bonitas e floridas enfeitando o espaço que é frequentado por todas as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas em cada etapa do projeto de jardinagem foram valiosas para as crianças, despertando a curiosidade e promovendo o desenvolvimento de habilidades importantes, além de ensinar sobre a primavera, a natureza e o meio ambiente. As atividades desenvolvidas foram socializadas com as crianças da outra turma do Maternal II e também expostas às demais crianças da instituição. Também foram enviadas as atividades individuais para casa a fim de socializar com a família e dar continuidade ao cuidado.

As ações realizadas fazem parte das propostas da BNCC e do programa Mais Infância Mato Grosso, demonstrando que o uso de metodologias ativas, que promovem a participação e o engajamento das crianças, contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades previstas na base curricular da Educação Infantil.

Nessa perspectiva, reafirma-se o compromisso com uma educação humana e integral, que valoriza o diálogo, o afeto e o cuidado como dimensões inseparáveis do processo formativo. Como nos lembra Freire (1996), a educação precisa ser um ato de amor e de coragem, voltado à humanização dos sujeitos e à construção de uma consciência crítica sobre o mundo. Assim, o projeto “A Primavera Chegou” reafirma o papel da escola como espaço de experiências vivas, onde aprender e cuidar se entrelaçam na formação integral das crianças

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NOVA ESCOLA. **Material educacional Mais Infância Mato Grosso: crianças bem pequenas: educação infantil - livro do professor.** Organização: Associação Nova Escola. 1. ed. São Paulo: Associação Nova Escola, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.



Corredor: Um Espaço de Aprendizagem na Educação Infantil

Maria da Conceição de Carvalho

Licenciada em Pedagogia pela UNEMAT e Pós-Graduada em Educação Infantil -Universidade Barão de Mauá, Professora efetiva, lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Resumo: Este relato de experiência tem como propósito apresentar as vivências da turma do Berçário I da Creche Municipal Pequeno Príncipe, localizada no município de Porto dos Gaúchos – MT, ao explorar o espaço do corredor da sala até o refeitório, por meio da interação entre as crianças, da organização do ambiente e das brincadeiras que despertam descobertas. A proposta fundamenta-se nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento garantidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), abrangendo todos os campos de experiências e priorizando as vivências de cada educando. As atividades foram planejadas respeitando o ritmo de aprendizagem e valorizando as capacidades individuais de cada criança. O presente relato está embasado no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, o qual está alinhado à BNCC e ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998). Conclui-se que essa experiência ampliou as possibilidades de aprendizagem e socialização das crianças, favorecendo a autonomia e o desenvolvimento integral no cotidiano do berçário. Além disso, evidenciou a importância de um olhar sensível e intencional do professor, que transforma cada momento vivido em oportunidade de descoberta e crescimento.

Palavras-chave: educação infantil; ensino-aprendizagem; lúdico; brincar.

INTRODUÇÃO

Desde sempre é entendido que na educação infantil o brincar é primordial para o desenvolvimento da aprendizagem, pensar em atividades lúdicas para além da sala de aula é extremamente necessário para o desenvolvimento integral das crianças. De acordo com a Base Comum Curricular (BNCC) os espaços escolares na educação infantil devem ser acolhedores, seguros e intencionalmente pensados para estimular a exploração, a autonomia e o desenvolvimento das crianças através de brincadeiras e interações. Sendo assim:

Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também se tornam autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em práticas suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata (Brasil, 1998, p. 23).

Desta forma o ambiente escolar, também deve refletir esta preocupação, fazendo com que seu espaço seja “brincável”, explorável, transformável, e acessível para todos”. Percebendo que todas as vezes que descíamos para o refeitório para lanchar as crianças ficavam dispersas no corredor resolvi colocar em prática uma

atividade proposta pelo Mais Infância, que traz como princípio de aprendizagem o protagonismo da criança nas atividades propostas e a importância do brincar na educação infantil, sendo assim buscamos fazer do corredor um espaço de aprendizagem.

UM CORREDOR E MUITA APRENDIZAGEM

A proposta teve início a partir da ideia de transformar o corredor, antes utilizado apenas como passagem até o refeitório, em um espaço de descobertas, movimento e aprendizado. Para isso, o local foi organizado de forma atrativa, com diferentes materiais distribuídos ao longo do percurso, como potes de doces, tampas plásticas, potes com tampas, cones de linhas de crochê, bonecas e carrinhos.

Inicialmente, filmei o corredor vazio e, em seguida, conversei com as crianças sobre aquele espaço simples, sem atrativos. Depois, com os materiais já dispostos, as convidei para sair da sala. Muitas imaginaram que iriam ao pátio, e quando se depararam com o corredor transformado, demonstraram curiosidade e, pouco a pouco, começaram a explorar e interagir.

Como em toda atividade voltada para essa faixa etária, surgiram desafios: algumas crianças se encantaram de imediato, outras preferiram permanecer na sala, e algumas buscavam outros espaços da creche. A solução foi deixar a porta aberta, permitindo que transitassem livremente entre a sala e o corredor, sempre sob a supervisão de um professor. Observamos atentamente seus movimentos, escolhas e reações, respeitando o tempo e a curiosidade de cada uma. O brincar fora da sala de aula mostrou-se um campo fértil de aprendizagens, estimulando a imaginação, a criatividade, a autonomia, o desenvolvimento social e emocional e a autoconfiança das crianças, favorecendo a construção do conhecimento de forma lúdica e significativa.

Durante a interação com os objetos, os pequenos organizavam e reorganizavam conforme seus interesses: rolavam potes rampa abaixo, empilhavam tampas, transferiam brinquedos de um lugar para outro, trocavam entre si e se divertiam com os sons e movimentos que produziam. A brincadeira durou cerca de uma hora, repleta de descobertas, sorrisos e gestos de cooperação.

Ao final, compreendemos que o corredor, antes visto apenas como um espaço de passagem, revelou-se um ambiente rico de possibilidades educativas. Cada gesto, movimento e olhar das crianças mostrou que aprender também acontece nos trajetos do cotidiano, quando o professor reconhece o valor do brincar e transforma o simples em oportunidade de descoberta e crescimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto se em brincar na Educação Infantil, mas pouco se questiona como esse brincar está sendo desenvolvido pelos professores e percebido pelos pais e

pela sociedade. É necessário refletir se todos compreendem, de fato, a importância do brincar para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Mesmo quando parecem estar apenas se divertindo, existe intencionalidade e aprendizagem em cada gesto, olhar e movimento.

Ao observar atentamente as ações das crianças, é possível perceber o quanto o brincar é significativo para elas. Na atividade desenvolvida, não foi diferente: enquanto muitos acreditavam que estávamos apenas distraindo os pequenos, estávamos, na verdade, vivenciando momentos de intensa aprendizagem. Desde o ato de lançar os brinquedos, compartilhar com os colegas, empilhar objetos e descobrir a finalidade de cada coisa, despertamos nelas a curiosidade, a coordenação motora ampla e fina, a paciência e o respeito pelo tempo do outro.

Durante o processo, tivemos alguns pequenos tombos — algo natural no desenvolvimento psíquico e motor dos bebês —, mas cada experiência foi permeada por descobertas e aprendizagens mútuas. O brincar, nessa perspectiva, mostrou-se um caminho de construção coletiva, em que crianças e educadores aprendem juntos. Assim, reafirma-se que o ato de brincar é essencial para o desenvolvimento integral da criança e deve ser valorizado como parte fundamental do processo educativo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NOVA ESCOLA (org.). **Material educacional Mais Infância Mato Grosso: Bebês-Educação infantil: livro do professor**. 1ª ed. São Paulo: Associação Nova Escola, 2023. 304 p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social**. Brasília: MEC/SEF, 1998.



Uma Coisa Vira Outra: Uso Do Material Reciclado Como Recurso Didático Pedagógico Na Educação Infantil

Leniana Heinen Feitosa

Especialista em Psicopedagogia e Educação Infantil pela FIVE, Licenciada em Pedagogia pela UNEMAT, Professora Efetiva, lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Erileide Araujo de Oliveira

Especialista em Educação Infantil, Licenciada em Pedagogia, Apoio Educacional tipo E Efetiva, lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Luciene Aparecida Martins

Especialista em Educação Infantil, Licenciada em Pedagogia, Apoio Educacional tipo E Efetiva, lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Suélyn Elise Eidt Bertol

Especialista em Educação Infantil, Licenciada em Pedagogia, Apoio Educacional tipo E Efetiva, lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Resumo: O relato apresenta um trabalho pedagógico sobre reciclagem e sustentabilidade na Educação Infantil, com o objetivo de despertar nas crianças o cuidado e a consciência ambiental. A partir dos 3Rs (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), foram desenvolvidas atividades lúdicas e interdisciplinares, como a separação de resíduos, reutilização de materiais e compostagem. As práticas, alinhadas à BNCC, promoveram aprendizagens significativas e valores como cooperação, respeito e responsabilidade socioambiental, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e sensíveis ao meio ambiente.

Palavras-chave: educação infantil; meio ambiente; reciclagem.

INTRODUÇÃO

Ao estimular o interesse e o cuidado com o meio ambiente desde a infância, buscamos cultivar cidadãos mais conscientes, capazes de reconhecer que suas atitudes cotidianas têm impacto direto no mundo em que vivem. Nesse processo, o trabalho pedagógico favorece a expressão de ideias, desejos e sentimentos, ao mesmo tempo em que promove a interação, a curiosidade e o cuidado com os fenômenos naturais e artificiais.

A partir da abordagem dos 3Rs (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), as crianças são incentivadas a refletir sobre o consumo consciente, a dar novos usos aos materiais e a compreender a importância da separação correta dos resíduos, reconhecendo o valor da preservação ambiental para um futuro sustentável.

As propostas desenvolvidas dialogam diretamente com os Campos de Experiências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), proporcionando vivências significativas que envolvem a cooperação, a exploração de diferentes materiais e linguagens, a socialização e o contato com o meio ambiente. Dessa forma, a sustentabilidade é trabalhada de maneira lúdica, criativa e interdisciplinar,

conectando teoria e prática por meio de atividades diversificadas que despertam nas crianças a responsabilidade socioambiental.

DESENVOLVIMENTO

Diante dos objetivos propostos pelos Campos de Experiências da BNCC, desenvolvemos práticas pedagógicas voltadas ao tema da reciclagem, com o propósito de conscientizar e sensibilizar as crianças quanto aos problemas ambientais, estimulando o interesse e o cuidado com o meio ambiente. Promover a sustentabilidade na infância é cultivar cidadãos conscientes, demonstrando a importância de ensinar às crianças que suas ações têm impacto direto no mundo ao seu redor. Ao expressarem suas ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação, as crianças passam a reconhecer o valor de atitudes cotidianas que contribuem para o cuidado da saúde e para a manutenção de ambientes saudáveis. O contato com o meio ambiente e com os fenômenos naturais desperta a curiosidade, o encantamento e o sentimento de responsabilidade pelo cuidado com a natureza.

Nessa perspectiva, trabalhamos a utilização dos 3Rs (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), conjunto de práticas sustentáveis que buscam minimizar o impacto ambiental da produção e do consumo. Levando as crianças a compreenderem que a adoção dos 3Rs contribui para a redução da geração de resíduos, a conservação de recursos naturais e a diminuição da poluição.

Reduzir: Significa diminuir a quantidade de lixo gerado, evitando o consumo excessivo e desperdício de recursos. Isso pode ser feito através da escolha de produtos com menos embalagens, do uso consciente de água e energia, e da compra apenas do que é realmente necessário.

Reutilizar: Consiste em dar novas funções a materiais que seriam descartados, prolongando seu ciclo de vida e evitando que virem lixo. Exemplos incluem o uso de garrafas retornáveis, sacolas reutilizáveis e a doação de roupas e objetos que não são mais utilizados.

Reciclar: É o processo de transformar materiais descartados em matéria-prima para a produção de novos produtos. A reciclagem envolve a separação correta dos resíduos, como papel, plástico, vidro e metal, para que possam ser encaminhados para a indústria e transformados em novos itens.

A aplicação dos 3Rs é fundamental para a construção de um futuro mais sustentável, promovendo a conscientização sobre a importância do consumo responsável e da preservação do meio ambiente.

As ações pedagógicas desenvolvidas dialogaram com os diferentes Campos de Experiências da BNCC, proporcionando momentos de interação, cooperação e exploração de materiais variados. Entre as práticas realizadas, destacam-se a

classificação do lixo, em que as crianças manusearam diferentes tipos de materiais recicláveis (caixas, potes, plásticos e latas), aprendendo sobre a separação correta dos resíduos; e as brincadeiras com sucata, nas quais caixas de papelão foram transformadas em casas e brinquedos, estimulando a imaginação e a criatividade.

Outras propostas envolveram a produção de brinquedos sonoros, como o sapinho sonoro e o sapinho cantor, confeccionados com papelão, tampinhas e barbantes, proporcionando experiências de musicalização e coordenação motora. Em outra atividade, as crianças criaram uma serpente de canudinhos e participaram de jogos que exigiam concentração e precisão, como alimentando o pintinho e minhochinha do macarrão (alinhavo), desenvolvendo a coordenação motora fina e a atenção. Também foram realizadas atividades de linguagem e identidade, nas quais as crianças perfuraram e coloriram a letra inicial de seus nomes, reconhecendo-se como sujeitos únicos e valorizando suas produções.

A sustentabilidade foi igualmente explorada em experiências de reutilização e cultivo, como a compostagem, em que o lixo orgânico foi transformado em adubo para o plantio de flores, chás e temperos utilizados na alimentação escolar. Em outro momento, baldinhos de doces tornaram-se vasos e pneus velhos foram transformados em canteiros, mostrando, de maneira prática, que materiais descartados podem ganhar novas funções.

Projetos temáticos também foram desenvolvidos ao longo do período, integrando valores e datas significativas. No Dia da Árvore e na chegada da Primavera, as crianças realizaram colagens e pinturas utilizando tampinhas e papelão, criando árvores coloridas e vibrantes. No “Setembro Amarelo”, mês de conscientização sobre a valorização da vida, confeccionaram um sol sorridente com materiais recicláveis, simbolizando alegria e esperança. Durante a Semana da Pátria, produziram a Bandeira do Brasil reutilizando tampinhas de garrafa pet, reforçando o sentimento de pertencimento e cidadania.

As experiências vivenciadas foram planejadas de forma interdisciplinar, unindo arte, música, linguagem e natureza. Dessa maneira, o trabalho pedagógico possibilitou aprendizagens significativas e despertou nas crianças o compromisso com o meio ambiente, fortalecendo atitudes de respeito, solidariedade e cuidado com o planeta. Assim, a sustentabilidade foi trabalhada de modo lúdico, criativo e educativo, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e conscientes de seu papel na preservação da vida e na construção de um futuro mais sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas pedagógicas desenvolvidas a partir do tema da reciclagem possibilitaram às crianças experiências ricas de aprendizado, interação e cuidado com o meio ambiente. Por meio da exploração dos 3Rs (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), elas puderam compreender, de forma concreta e lúdica, a importância do consumo consciente e da preservação dos recursos naturais.

As atividades propostas favoreceram não apenas o desenvolvimento de habilidades manuais, cognitivas e sociais, mas também fortaleceram valores essenciais para a convivência em sociedade, como respeito, cooperação e responsabilidade. Dessa forma, os Campos de Experiências da BNCC foram contemplados de maneira integrada, garantindo uma aprendizagem significativa e alinhada às necessidades da infância.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NOVA ESCOLA (org.). **Material educacional Mais Infância Mato Grosso: crianças bem pequenas - educação infantil: livro do professor / organização Associação Nova Escola.** – 1.ed. São Paulo: Associação Nova Escola, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.



Jogo como Estratégia de Aprendizagem na Pré-Escola: Boliche das Rimas

Alenice Carneiro

Licenciada em Pedagogia pela FAVENI, Professora interina, lotada na Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke.

Resumo: O presente relato descreve a experiência pedagógica intitulada “Boliche das Rimas”, desenvolvida na Educação Infantil, com o objetivo de integrar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita à ludicidade e à coordenação motora. A proposta busca promover o engajamento das crianças por meio de um jogo que une o prazer de brincar com o aprendizado da sonoridade das palavras, estimulando a consciência fonológica, a ampliação do vocabulário e a interação social. Fundamentado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e em autores como Kishimoto, a proposta reafirma o papel do brincar como eixo estruturante das práticas pedagógicas e destaca o protagonismo das crianças na construção de suas aprendizagens.

Palavras-chave: jogo lúdico; motricidade; consciência fonológica; protagonismo infantil.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, busca em conexão com os Campos de Experiência e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento da BNCC (2017), integrar as diferentes áreas do conhecimento para promover um aprendizado mais significativo para as crianças. A BNCC destaca o brincar como eixo estruturante das práticas pedagógicas, entendendo que é por meio dele que a criança aprende sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, construindo significados e desenvolvendo múltiplas linguagens.

Nesse contexto, a proposta “Boliche das Rimas” surgiu como uma atividade que alia ludicidade e aprendizagem, promovendo o desenvolvimento da consciência fonológica de forma prazerosa. O jogo foi pensado, a partir da leitura do Manual Prático da Consciência Fonológica, trabalhado nas formações ofertadas pelo Núcleo de Formação Educacional da Secretaria Municipal de Educação (NFE/SME), com a intenção de criar uma atividade que unisse o movimento corporal e a atenção no som das palavras. A proposta foi desenvolvida com crianças da pré-escola, buscando estimular a oralidade e o reconhecimento de rimas, fundamentais para o processo de alfabetização.

Busquei evidenciar assim, que através de um jogo adaptado de boliche, é possível oportunizar as crianças uma experiência de aprendizado divertido e eficaz.

PARA CONTEXTUALIZAR

De acordo com a BNCC (2017), a Educação Infantil deve garantir experiências que permitam à criança “explorar, expressar, criar e se comunicar por meio de diferentes linguagens”. Dentre os campos de experiência, o projeto se articula

especialmente a “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, que enfatiza o contato com a linguagem oral e escrita de forma significativa, e ao campo “Corpo, gestos e movimentos”, que valoriza a expressão corporal e o movimento como parte do processo de aprendizagem.

A ludicidade na proposta assume papel central. Conforme Kishimoto (1994), o brincar constitui-se como uma forma de aprendizagem ativa, pois ao brincar, a criança experimenta, descobre e ressignifica o mundo que a cerca. Assim, ao integrar jogo e linguagem, a proposta oferece a criança oportunidades concretas para que o aprendizado ocorra de modo prazeroso e contextualizado.

Freire (1996) reforça que ensinar exige respeito à autonomia e à curiosidade do educando. Ao considerar as crianças como sujeitos de direitos e protagonistas do processo educativo, o brincar se torna uma prática com intencionalidade pedagógica, que valoriza a escuta e a participação ativa.

Descrição da Experiência

A proposta foi realizada com um grupo de crianças da pré-escola, em um ambiente organizado para favorecer a interação e a liberdade de movimento. Os materiais utilizados incluíram dez garrafas PET de um litro, pintadas com tinta guache colorida e identificadas com figuras e palavras rimadas, tais como: bola/cola, gato/pato, dente/pente, chocolate/abacate. As garrafas foram preenchidas com um pouco de areia para garantir estabilidade, e a bola utilizada foi confeccionada com papel amassado e fita adesiva.

Imagem 1 - Jogo do boliche.



Fonte: registro da professora.

As regras e a dinâmica do jogo, foram adaptadas para o contexto pré-escolar. As crianças foram organizadas em dois grupos — meninos e meninas — e revezavam as jogadas. A cada vez que derrubavam uma garrafa, deveriam identificar a figura correspondente e procurar a outra que rimasse com ela, entre as cartas expostas no chão. A pontuação considerava tanto a quantidade de garrafas derrubadas quanto o número de rimas corretamente identificadas.

Durante a atividade, observei o entusiasmo e a cooperação entre as crianças, que vibravam com os acertos e se ajudavam mutuamente durante a brincadeira. Atuei como mediadora, incentivando as tentativas, valorizando as hipóteses das crianças e conduzindo reflexões sobre as semelhanças sonoras entre as palavras. Em alguns momentos, as crianças com mais facilidade auxiliaram as que apresentavam maior dificuldade, fortalecendo a aprendizagem coletiva.

Uma atividade simples, porém, repleta de significado e descoberta. Houve risadas, torcida e celebração a cada rodada, evidenciando que o aprendizado pode ocorrer de forma prazerosa e significativa. Essa vivência vai ao encontro da garantia dos seis direitos de aprendizagem da criança, apontados na BNCC — conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

A experiência com o Boliche das Rimas me permitiu observar avanços na consciência fonológica das crianças, especialmente no reconhecimento de rimas e na ampliação do vocabulário. Além disso, a proposta favoreceu o desenvolvimento da coordenação motora ampla, do raciocínio lógico e das habilidades socioemocionais, como o respeito às regras e a cooperação.

Acredito que as crianças, ao participarem ativamente do jogo, tornaram-se protagonistas da própria aprendizagem, construindo saberes de forma cooperativa e prazerosa.

Assim, a proposta reafirma a importância de práticas pedagógicas que valorizem a brincadeira como eixo estruturante (Brasil, 2017), transformando a escola em um espaço de escuta, criação e movimento. A atividade demonstrou que o ensino da linguagem pode — e deve — ser mediado pelo brincar, integrando corpo, emoção e pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Boliche das Rimas evidenciou o potencial da ludicidade como caminho para o desenvolvimento da linguagem e para a formação de sujeitos ativos e criadores. Ao unir o movimento, a oralidade e a escuta, a atividade ampliou as possibilidades de aprendizagem e fortaleceu o protagonismo das crianças conforme previsto nos materiais curriculares nos quais embaso o planejamento, como por exemplo na proposta do Programa Mais Infância – MT.

A experiência demonstrou que, quando reconhecemos o brincar como prática pedagógica e o integramos ao currículo, promovemos aprendizagens mais significativas e duradouras. A partir dessa vivência, percebo a importância de propostas assim.

Concluo que, o Boliche das Rimas operou não é apenas um jogo, mas como uma oportunidade de brincar aprendendo. Reforçando que quando o ensino é prazeroso para a criança ela se torna mais interessada e consequentemente consolida o aprendizado.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

PULIEZI, Sandra. **Manual Prático da Consciência Fonológica**. 1ed. São Paulo: Instituto Ler Mais, 2024.



Cantigas de Roda na Educação Infantil: Uma Abordagem Lúdica no Desenvolvimento Integral da Criança

Silvinha Santana da Silva

Licenciada em Pedagogia pela UCESP, Professora interina, lotada na Escola Municipal Novo Paraná.

Resumo: O presente relato aborda a utilização de cantigas de roda como recurso pedagógico na Educação Infantil, com o objetivo de promover o desenvolvimento integral das crianças e fortalecer a consciência fonológica, favorecendo o processo de alfabetização. Dentre os desafios, destacam-se engajar as crianças de forma lúdica e ampliar suas habilidades linguísticas, corporais e sociais. A estratégia mobilizada envolveu a apresentação semanal de cantigas, exploração de letras, ritmo e gestos, atividades de ilustração, interpretação oral, reconhecimento de letras iniciais e onomatopeias, além da criação de livrinhos personalizados. Os resultados evidenciaram maior autonomia, interesse pelas atividades, confiança na expressão verbal e corporal, desenvolvimento da coordenação motora, criatividade e integração entre linguagem, música e artes, demonstrando a eficácia da ludicidade como ferramenta pedagógica.

Palavras-chave: educação infantil; consciência fonológica; cantigas de roda.

INTRODUÇÃO

As cantigas desempenham um papel fundamental no processo de aprendizagem das crianças, pois contribuem, de forma prazerosa e lúdica, para o desenvolvimento integral. Ao cantar, a criança é estimulada a aprimorar a fala, a imaginação, o tom de voz, a audição e a memorização. Por meio das cantigas, ela visualiza personagens, compreende as histórias narradas e amplia sua expressão oral e artística, especialmente em atividades de ilustração e interpretação.

Além disso, o corpo torna-se também um instrumento de expressão: as crianças criam gestos e coreografias que acompanham o ritmo das músicas, desenvolvendo a coordenação motora e estimulando a criatividade. Para elas, a cantiga é uma verdadeira história cantada, repleta de sentido, emoção e movimento.

A prática cotidiana desse gênero musical favorece o desenvolvimento da linguagem, o gosto pela música, a percepção auditiva, a socialização e o trabalho coletivo. Também contribui para o reconhecimento de letras, sons e onomatopeias, tornando o processo de aprendizagem mais significativo, encantador e coerente com a ludicidade própria da infância.

Vale destacar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta, entre os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil, o brincar como eixo essencial:

Brincar diariamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais,

seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (Brasil, 2018, p.266).

Nesse sentido, o presente relato apresenta uma prática pedagógica com cantigas de roda na Educação Infantil, que, por meio do brincar, possibilita a construção de conhecimentos e o desenvolvimento da consciência fonológica, fator essencial para um processo de alfabetização significativo e bem-sucedido na transição para o Ensino Fundamental.

METODOLOGIA

A prática teve início com a apresentação de diversas cantigas de roda ao grupo de crianças, momento em que foram questionadas sobre quais já conheciam. A cada semana, uma nova cantiga era estudada, explorando sua letra, ritmo e gestos. Durante as atividades, as crianças cantavam em grupo, acompanhadas por movimentos corporais, o que favoreceu a expressão oral, corporal e a socialização.

Além do canto, foram realizadas atividades de interpretação oral e ilustrações relacionadas às letras das canções, permitindo que as crianças expressassem suas percepções por meio de desenhos, pinturas, colagens e dobraduras. Também foram propostas atividades de identificação da letra inicial das canções e de reconhecimento de onomatopeias, estimulando o desenvolvimento da consciência fonológica e o interesse pela leitura e escrita.

Como parte da rotina, foi criada uma “canção do dia”, cantada coletivamente no início de cada aula. Essa prática diária trouxe mais entusiasmo e envolvimento para o grupo, tornando o ambiente de aprendizagem mais acolhedor e prazeroso.

Ao longo do projeto, as crianças confeccionaram livrinhos com as cantigas e suas ilustrações, o que reforçou o vínculo com as músicas trabalhadas e promoveu o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da confiança. Através dessa experiência, observou-se que as crianças se expressaram com mais segurança, reconheceram seus limites e ampliaram o interesse pela música e pelas atividades artísticas.

Assim, a prática diária das cantigas e de suas representações visuais transformou-se em uma experiência significativa, divertida e enriquecedora, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e para o fortalecimento do processo de alfabetização de forma lúdica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades com as cantigas de roda se mostraram altamente significativas para o desenvolvimento integral das crianças. Ao longo do projeto, observou-se que elas se engajaram de maneira ativa e prazerosa, aprimorando a expressão oral, a coordenação motora, a criatividade e a percepção auditiva.

Os resultados alcançados foram bastante satisfatórios: as crianças demonstraram maior autonomia na execução das atividades, interesse pelas letras e ilustrações das canções e confiança em se expressar tanto verbalmente quanto corporalmente. A confecção dos livrinhos e a prática diária das canções favoreceram a integração entre diferentes áreas do conhecimento, como linguagem, arte e música, evidenciando que o trabalho interdisciplinar contribui para aprendizagens mais significativas.

Dessa forma, a prática pedagógica evidencia que, quando o brincar e a ludicidade são incorporados intencionalmente às rotinas de ensino, é possível promover o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e artístico das crianças. A experiência reforça a importância de estratégias que estimulem a participação coletiva, a criatividade e o prazer de aprender, consolidando-se como uma proposta pedagógica exitosa e replicável em contextos da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.



Práticas Integradas de Leitura na Alfabetização: da Sacola Literária à Sala de Aula

Cristiane de Jesus Melo

Licenciada em letras com complementação em Pedagogia, Especialização em Educação Especial, Professora efetiva, lotada na Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke.

Resumo: O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da leitura com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, destacando o envolvimento da família e da escola como agentes fundamentais nesse processo. O projeto “Vamos Ler Hoje?” surgiu a partir da necessidade de despertar o prazer pela leitura em alunos que, ao ingressarem na alfabetização, demonstravam pouco contato com o universo literário. A proposta consiste em incentivar o hábito de leitura por meio da escolha semanal de um livro na biblioteca escolar, que a criança leva para casa em uma sacolinha literária para ler com a família. Posteriormente, os familiares registram como foi esse momento, e os alunos, ao retornarem à escola, realizam o reconto da história ou a leitura para a turma, conforme o nível de avanço de cada um. Conclui-se que projetos dessa natureza contribuem para a formação de leitores competentes e para o fortalecimento do vínculo entre escola, família e comunidade, tornando a alfabetização um processo mais significativo, prazeroso e transformador.

Palavras-chave: alfabetização; leitura; família e escola; literatura infantil.

INTRODUÇÃO

A leitura é essencial no processo de alfabetização, pois forma leitores críticos, participativos e sensíveis ao mundo que os cerca. Nesse contexto, as práticas integradas de leitura permitem que a criança vivencie o texto de forma significativa, indo além da simples decodificação. A sacola literária destaca-se como uma estratégia que aproxima escola e família, enquanto a leitura para um ouvinte amplia o contato dos alunos com diferentes gêneros textuais e fortalece o prazer de ler.

Paralelamente ao projeto “Vamos ler hoje”, foi desenvolvido o projeto “Pare um pouquinho! Me escute um minutinho”, no qual as crianças, semanalmente, realizam leituras de diferentes gêneros textuais para diversos ouvintes dentro da escola, como professores, funcionários e gestores. Essa prática visa fortalecer a fluência, a entonação, a autoconfiança e o gosto pela leitura. Entre os principais desafios enfrentados, destacam-se a falta de hábito de leitura no ambiente familiar e a timidez inicial das crianças ao se expressarem oralmente.

A motivação para desenvolver esses projetos surgiu diante da constatação de que muitas crianças chegam à alfabetização com pouca familiaridade com o universo literário e dificuldades em reconhecer sons, sílabas e palavras, o que compromete o avanço na leitura e escrita. Além disso, observou-se a necessidade de oferecer práticas mais afetivas e envolventes, que despertassem o interesse genuíno das crianças pelos livros e tornassem o aprendizado mais prazeroso.

Os projetos “Vamos Ler Hoje?” e “Pare um pouquinho! Me escute um minutinho” foram criados com o intuito de tornar a leitura parte da rotina escolar e familiar, incentivando o reconto, a escuta e o compartilhamento de experiências. Ao retornar para a sala de aula, essas vivências se transformam em novos momentos de aprendizagem, como recontos, produções textuais, dramatizações e rodas de conversa sobre as histórias lidas.

Os resultados observados têm sido bastante significativos: as crianças demonstram maior autonomia leitora, entusiasmo diante dos livros e mais confiança para ler em público. Dessa forma, este relato busca refletir sobre as práticas integradas de leitura na alfabetização, destacando o papel da sacola literária e das leituras compartilhadas na formação do leitor e na construção do gosto pela leitura.

COMO O FOI DESENVOLVIDO O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LEITURA NA TURMA DO 1º ANO

Nos últimos anos, tenho sentido uma profunda angústia ao perceber que muitas crianças chegam ao 1º ano do Ensino Fundamental com pouca bagagem literária. Ao saírem da Educação Infantil, nem sempre trazem o encantamento que a leitura deveria despertar desde cedo. O gosto pela literatura, que deveria ser cultivado nas rodas de histórias, nos recontos e nas leituras de imagem — momentos tão mágicos e significativos nessa fase —, muitas vezes não se consolida. Isso me levou a refletir sobre a importância de criar, dentro da sala de alfabetização, experiências literárias que despertem o prazer de ler e ouvir histórias. Como lembra Abramovich (1997), “quem lê para uma criança dá a ela asas para imaginar e sonhar”.

Iniciei minha trajetória docente na Educação Infantil, mas foi na alfabetização que encontrei meu verdadeiro propósito. A alfabetização me encanta porque me sinto colaborando na escrita de uma história nova — como se, a cada criança, eu ajudasse a preencher uma folha da vida, escrevendo novas linhas e novas histórias. É nesse processo de descoberta das letras, das palavras e dos sentidos que a leitura ganha vida e se torna um instrumento de transformação. Segundo Freire (1989), ler é muito mais do que decodificar signos — é compreender o mundo, interpretar a realidade e construir sentidos.

Por isso, percebo que dar continuidade ao trabalho iniciado na Educação Infantil é fundamental, e uma das maneiras mais eficazes de fazer isso é por meio do reconto e da leitura de imagem, práticas que estimulam a imaginação, a oralidade e a compreensão textual mesmo antes do domínio do código escrito.

A partir dessa reflexão, desenvolvi o projeto “Vamos Ler Hoje?”, uma prática semanal voltada para incentivar o contato da criança com os livros e envolver a família nesse processo. Todas as sextas-feiras, as crianças visitam a biblioteca da escola e escolhem um livro de sua preferência — geralmente, com muitas ilustrações, já que no início do ano ainda não sabem ler convencionalmente. Esse livro é colocado em uma sacolinha literária, que a criança leva para casa, para que algum membro da família leia a história para ela ou com ela.

Na segunda-feira, ao retornarem para a escola, os alunos compartilham o que vivenciaram: fazem o relato oral da história, conversam sobre as partes que mais gostaram e representam, por meio de desenhos, as cenas que mais chamaram sua atenção. As famílias também participam ativamente, preenchendo uma ficha simples sobre o momento de leitura: relatam se a criança demonstrou interesse, se fez perguntas, se quis ouvir novamente a história, entre outras observações. Essa troca fortalece o vínculo entre escola e família e mostra que a leitura pode ser uma experiência prazerosa e afetiva dentro do lar.

No início do ano, o envolvimento das crianças foi um grande desafio. Algumas estavam desmotivadas, outras afirmavam que a família não havia conseguido ler para elas e, em alguns casos, a frustração era tão grande que chegavam a chorar durante o relato. Diante dessas dificuldades, compreendi ainda mais a importância da persistência e da afetividade no trabalho de alfabetização. Aos poucos, com incentivo, paciência e valorização das pequenas conquistas, as crianças começaram a se envolver e a se encantar com as histórias. Hoje, aguardam com expectativa o dia da sacolinha literária e demonstram alegria ao compartilhar suas leituras com os colegas.

Outro projeto que vem sendo muito bem recebido pelos alunos é o “Pare um pouquinho e me escute um minutinho”, criado com o objetivo de incentivar a leitura em voz alta e desenvolver a autoconfiança dos alunos que já iniciaram o processo de leitura. A proposta acontece semanalmente: escolho textos curtos — poemas, contos, parlendas ou textos informativos — e convido os alunos a realizarem leituras para diferentes ouvintes dentro da escola. Eles leem para a diretora, coordenadora, professores, funcionários da cozinha, equipe da limpeza e até para o pessoal da ABEMIL¹. Esse momento tem se tornado uma verdadeira celebração da leitura.

Imagem 1 e 2 - Alunos escolhendo os livros na biblioteca.



Fonte: registro pessoal da professora.

As crianças que antes se mostravam desmotivadas passaram a demonstrar entusiasmo e autonomia, aguardando com expectativa os momentos de leitura. Percebo que as crianças se sentem valorizadas ao verem que outras pessoas param para ouvi-las. Esse gesto simples contribui para desenvolver a autoestima, a fluência e o gosto pela leitura, além de promover a interação entre alunos e comunidade

¹ Associação Brasileira de Educação Cívico-Militar.

escolar. A cada sexta-feira, noto o progresso das crianças: aquelas que antes liam timidamente agora o fazem com entonação e expressividade, demonstrando prazer e confiança.

Com base nesses projetos, reafirmo a convicção de que o aprendizado da leitura não se resume à decodificação de letras e sílabas. Ler é compreender, sentir e interagir com o texto, e para isso é essencial o envolvimento de toda a comunidade escolar. O trabalho precisa ser coletivo — professores, famílias e gestores devem caminhar juntos, criando uma rotina de leitura constante. Como lembra Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” — e é por meio dela que formamos crianças curiosas, criativas e apaixonadas pelo conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida com minha turma de 1º ano reafirma que o processo de alfabetização vai muito além de ensinar o código escrito. Alfabetizar é encantar, emocionar e abrir caminhos para que a criança descubra o prazer de ler. As práticas desenvolvidas, como os projetos “Vamos Ler Hoje?” e “Pare um pouquinho e me escute um minutinho”, mostraram que, quando a leitura é tratada como um ato de amor, escuta e descoberta, ela se transforma em uma experiência significativa e duradoura. Através das histórias, elas se reconhecem, ampliam horizontes e constroem sentidos.

A participação da família e da comunidade escolar foi essencial nesse processo. Quando a criança leva a sacolinha literária para casa e compartilha o momento de leitura com seus familiares, cria-se um elo afetivo que fortalece tanto o vínculo com o livro quanto com a escola.

Concluo que, apesar dos desafios e das demandas cotidianas, vale a pena investir em projetos de leitura. O avanço das crianças, o brilho nos olhos diante de um novo livro e o entusiasmo nas apresentações mostram que a leitura tem poder de transformar não apenas a aprendizagem, mas também a forma como a criança se vê e se relaciona com o mundo. Levar o livro da sacola literária para a sala de aula é, simbolicamente, levar o sonho, a imaginação e o conhecimento para o coração de cada pequeno leitor em formação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.



Receitas para Aprender: O Papel do Gênero Textual Receita no Processo De Alfabetização

Flávia Moraes Rosa

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Licenciada em Pedagogia pela UNEMAT, Professora efetiva, lotada na Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke.

Resumo: O presente relato apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com a turma do 1º Ano A, cujo objetivo foi promover o desenvolvimento da leitura e da escrita de forma prazerosa e significativa, superando a resistência inicial dos alunos em ler e registrar. A proposta partiu do livro “Que delícia de bolo”, de Elza Calixto e Sílvia Calixto, explorando o gênero receita em um contexto familiar e atrativo para as crianças. Como estratégias, foram realizadas rodas de conversa, leituras coletivas, produções escritas espontâneas, atividades de desenho, vídeos e práticas em família, integrando também conteúdos de matemática. Essas ações possibilitaram o envolvimento dos alunos, despertando curiosidade, entusiasmo e o desejo de aprender. Como resultado, observou-se uma melhora significativa na leitura e na escrita, maior participação nas aulas e o desenvolvimento do gosto pela leitura de forma autônoma e prazerosa.

Palavras-chave: alfabetização; letramento; gênero textual.

INTRODUÇÃO

Em busca de uma melhora no desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos do 1º Ano A, após observarmos certa resistência por parte deles em querer ler e registrar, pensei em propor algo que fosse divertido, que chamasse a atenção e que estivesse dentro do contexto familiar.

O livro utilizado para vivenciar essa experiência foi “Que delícia de bolo”, das autoras Elza Calixto e Sílvia Calixto. Primeiramente, realizamos uma sistematização por meio de uma roda de conversa sobre o gênero textual, buscando saber se os alunos já tinham alguma experiência com o tema. Muitos não sabiam de onde vinha o chocolate e ficaram muito curiosos e entusiasmados para a realização da atividade prática.

Após a leitura, fizemos uma escrita espontânea de alguns dos itens citados para a realização da receita, explorando como eram escritos, quais quantidades utilizar, além da estrutura e organização do texto. Também realizamos o registro por meio de desenhos sobre as receitas favoritas das crianças. Conversamos sobre a fruta que despertou curiosidade (o cacau) e desenvolvemos atividades de matemática relacionadas ao tema.

DESENVOLVIMENTO

A proposta do projeto foi proporcionar uma experiência que explorasse a leitura e a escrita de forma prazerosa, fazendo com que os alunos se sentissem

importantes e valorizados durante a realização das atividades, levando em consideração a realidade social e cultural de cada um.

Entre as habilidades contempladas estão: Reconhecer que textos são lidos e escritos da esquerda para a direita e de cima para baixo da página; Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas; Observar escritas convencionais, comparando-as às suas produções escritas, percebendo semelhanças e diferenças; Distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos; Reconhecer e identificar letras do alfabeto; Reconhecer e nomear letras maiúsculas e minúsculas; Utilizar números naturais como indicador de quantidade ou de ordem em diferentes situações cotidianas.

Sabemos que a leitura é um componente essencial na formação do letramento e da comunicação, sendo uma habilidade que acompanhará os estudantes ao longo de suas vidas. Portanto, mostrar que a leitura não é apenas uma prática escolar, mas algo presente no cotidiano, é de grande importância.

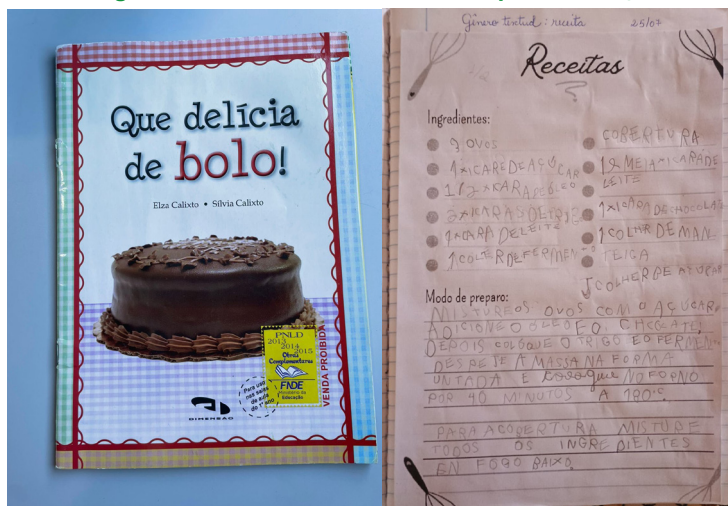
Dessa forma, iniciamos com a leitura em grupo do livro escolhido, mostrando as imagens, despertando a curiosidade e promovendo a interação a partir dos conhecimentos prévios dos alunos. Pudemos observar que, ao abordarmos um tema tão familiar como o famoso “bolo de chocolate”, as crianças tinham muito a relatar, foi por esse caminho que começamos a explorar o tema.

Em seguida, construímos um cartaz coletivo no quadro com os ingredientes que compõem a receita, observando como eram escritos, se as crianças os conheciam e se sabiam as quantidades utilizadas. Depois, assistimos a um vídeo sobre a receita de bolo de chocolate e, com base nisso, elaboramos um novo cartaz, registrando nossa própria receita, respeitando a estrutura e a organização do gênero textual.

Posteriormente, realizamos uma roda de conversa sobre receitas de modo geral. Conforme os alunos falavam, conhecíamos uma grande variedade de ingredientes mencionados. Pedi, então, que cada um fizesse um desenho representando sua receita favorita e registrasse, à sua maneira, os ingredientes que imaginava fazerem parte dela. A diversidade foi grande. Na sequência, eles apresentaram seus trabalhos no centro da sala, relatando sobre a receita escolhida, um momento muito especial, pois cada criança teve a oportunidade de expor o que gosta.

Na parte prática, propus que escolhessem uma receita e, junto com seus familiares, a realizassem em casa. Primeiro, deveriam registrar o passo a passo no caderno e, depois, gravar um vídeo contando qual foi a receita escolhida, quais os ingredientes utilizados, a sequência de preparo e o resultado final.

Imagem 1 e 2 - Livro e receita escrita pelas crianças.



Fonte: registros da autora.

Na aula seguinte, ouvi de um aluno: “Essa foi a atividade de casa mais legal que já fiz!”. Esse retorno mostrou o quanto a proposta foi significativa. Para compreendermos melhor os resultados da experiência, os alunos também tiveram um momento de socialização, compartilhando como foi o processo e o que aprenderam com ele.

Essas atividades práticas são muito importantes para as crianças, era possível ver entusiasmo e vontade em mostrar o que sabiam. Como afirmam Ferreiro e Teberosky (1999):

A criança que se sente útil, que tem a oportunidade de contribuir de forma significativa, desenvolve uma autoimagem positiva e uma motivação intrínseca para aprender. Isso é fundamental para o processo de aquisição da leitura e escrita, pois a criança se sente motivada a aprender e a se comunicar de forma eficaz.

Podemos perceber isso ao observar até mesmo as crianças mais tímidas querendo mostrar um pouco do que conseguiram fazer. Foi uma experiência extremamente enriquecedora. Essas aulas foram as que mais despertaram atenção, interação e vontade de participar. Tenho investido em propostas com textos que despertem o interesse dos alunos, que os façam perceber o quanto são úteis e capazes, sempre valorizando situações reais do dia a dia.

Desde então, venho notando uma melhora significativa na leitura e na escrita. Nem todos conseguem ainda ler e compreender uma receita completamente, mas demonstram interesse e esforço para aprender. Mesmo com alguns erros ortográficos, já reconhecem a estrutura desse e de outros gêneros textuais simples, adequados à fase de alfabetização em que se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades propostas em cada etapa desse pequeno projeto permitiram concluir que, desde a primeira aula, com o despertar da curiosidade dos alunos durante a apresentação do gênero e a leitura do livro, houve um grande envolvimento e entusiasmo. A vontade de mostrar, de querer saber e de participar foi realmente muito grande.

As aulas ministradas foram muito significativas, pois alcançaram a participação de toda a turma. Despertaram nos alunos o interesse necessário para que pudessem se expressar e mostrar o que sabem, compreendendo que ir à escola não se resume apenas a aprender, mas também a compartilhar conhecimentos e experiências. Isso fez com que se sentissem importantes e valorizados, o que resultou em uma melhora significativa em algo que inicialmente era uma preocupação, o desejo de ler e compreender que a leitura não é algo mecânico.

Desde então, venho observando que a vontade deles em ler não parte mais de mim, nem de uma cobrança externa, mas deles próprios. Quando as crianças percebem que a leitura pode ser prazerosa, passam a praticá-la espontaneamente, por interesse e curiosidade.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.



Aprendendo a Brincar com os Números: Estratégias de Composição e Decomposição

Rachel Vitale Fiorillo Gama

Licenciada em Pedagogia pela Uninter, Especialista em Educação Inclusiva, Neuropsicopedagogia, ABA, Psicomotricidade, Braille e Libras, Professora interina, lotada na Escola Municipal Cívico Militar Gustavo Adolfo Wilke.

Resumo: Este relato descreve uma prática pedagógica aplicada com alunos do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Cívico Militar Gustavo Adolfo Wilke, em Porto dos Gaúchos-MT. O foco principal foi o desenvolvimento da habilidade de compor e decompor números naturais. A proposta foi fundamentada na perspectiva de que a aprendizagem da Matemática nos anos iniciais precisa ir além da memorização de algoritmos e operações, promovendo uma compreensão efetiva do sistema de numeração decimal. Para tanto, utilizou-se uma metodologia que combinou jogos, exploração de material manipulável e registros escritos. O trabalho proporcionou aos alunos a oportunidade de desenvolver raciocínio lógico, autonomia e estratégias de cálculo mental, demonstrando avanços significativos no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: matemática; composição e decomposição de números; letramento matemático.

INTRODUÇÃO

O ensino de Matemática nos anos iniciais é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento do pensamento lógico e da capacidade de resolução de problemas. Entretanto, muitos alunos enfrentam dificuldades em compreender a estrutura do sistema de numeração decimal, o que impacta diretamente no aprendizado das operações básicas. A composição e decomposição de números se apresenta, nesse contexto, como uma estratégia essencial, pois permite que o estudante visualize diferentes formas de representar um mesmo número, desenvolvendo tanto a flexibilidade cognitiva quanto o cálculo mental.

Autores como Piaget (1975) ressaltam que a construção do número ocorre gradualmente, a partir da interação da criança com objetos concretos, enquanto Vygotsky (1984) enfatiza a mediação social e o papel das interações na construção do conhecimento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também evidencia a importância de práticas que possibilitem aos alunos compreenderem o sistema de numeração e desenvolverem estratégias de cálculo mental (EF02MA04, EF02MA05 e EF02MA06).

Assim, a prática aqui relatada teve como objetivo favorecer a compreensão da composição e decomposição de números a partir do uso de materiais concretos, jogos matemáticos e registros formais, criando um ambiente de aprendizagem lúdico, colaborativo e significativo.

OPERCURSODAAÇÃO/DESENVOLVIMENTO/METODOLOGIA PEDAGÓGICA

O desenvolvimento da prática seguiu um percurso intencionalmente estruturado, permitindo que os alunos transitassem gradualmente do fazer concreto para a elaboração simbólica, em um movimento de construção ativa do conhecimento.

Planejamento da Prática

Definiram-se como objetivos principais compreender a lógica da composição e decomposição dos números, estimular o cálculo mental e promover a socialização das estratégias de resolução. Para o desenvolvimento das atividades, foram utilizados diferentes recursos didáticos, como material dourado, ábaco confeccionado com materiais recicláveis, quadro de ordens e classes plastificado no formato de “lousa mágica” e quadro branco. A turma foi organizada em duplas e pequenos grupos, favorecendo a troca de ideias, a cooperação e o diálogo entre os estudantes.

Desenvolvimento da Prática

A proposta teve início com a ativação dos conhecimentos prévios, por meio da pergunta problematizadora: *“De quantas formas podemos formar o número 15?”*. Os alunos sugeriram hipóteses, e a professora registrou no quadro. Manipulação de materiais concretos: os estudantes representaram diferentes números utilizando material dourado e quadro de ordens e classes, sendo desafiados a encontrar mais de uma forma de representação (ex.: $38 = 30 + 8$, $20 + 18$, $10 + 28$). Registro escrito: após a manipulação, os alunos passaram a registrar suas descobertas no caderno. Exemplo: 42 pode ser decomposto em $40 + 2$ / $30 + 12$ / $20 + 22$ / $10 + 32$. Síntese coletiva: a turma compartilhou suas estratégias em roda de conversa, permitindo que diferentes caminhos de pensamento fossem socializados e valorizados.

Durante as etapas da atividade, foram realizados registros coletivos e individuais. A professora registrou no quadro as hipóteses e estratégias apresentadas pelos alunos, enquanto os estudantes anotaram em seus cadernos as descobertas e diferentes formas de decomposição numérica. Esses registros foram essenciais para acompanhar o processo de aprendizagem, revelando avanços na compreensão do sistema de numeração decimal e na elaboração de estratégias próprias de resolução. A seguir, apresenta-se uma fotografia ilustrativa do momento da atividade, na qual é possível observar o envolvimento dos estudantes.

Figura 1 – Estudantes explorando diferentes formas de decomposição numérica com o uso do material dourado e do ábaco reciclável.



Fonte: A autora (2025).

AValiação E Resultados

A avaliação foi realizada de forma processual e qualitativa, considerando a observação do engajamento dos alunos, a análise dos registros produzidos nos cadernos e a participação nas atividades coletivas. Essa perspectiva permitiu acompanhar o percurso de aprendizagem de cada estudante, valorizando não apenas o resultado final, mas também o processo de construção do conhecimento e o desenvolvimento das estratégias pessoais de resolução.

Verificou-se que a maioria dos alunos compreendeu que um mesmo número pode ser representado de diferentes maneiras, demonstrando avanços na compreensão do sistema de numeração decimal. Durante as atividades, os estudantes mostraram maior segurança ao lidar com números, ampliaram a capacidade de cálculo mental e passaram a utilizar estratégias diversificadas na resolução de problemas, evidenciando o desenvolvimento das aprendizagens esperadas para o ano escolar.

Esses resultados se relacionam diretamente às habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular: compor e decompor números de até três ordens, com o apoio de material manipulável e por meio de diferentes adições (EF02MA04); utilizar diferentes estratégias para o cálculo mental, envolvendo adições e subtrações (EF02MA05); e estabelecer relações entre números e suas decomposições no sistema de numeração decimal (EF02MA06). Essas habilidades foram desenvolvidas de forma articulada, integrando a manipulação concreta e a representação simbólica, e contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da autonomia e da confiança dos estudantes no aprendizado da Matemática.

Para Lorenzato (2006, p. 18) *o material concreto oferece condições para que o aluno construa o conhecimento, a partir da manipulação*. Nesse sentido, o uso de objetos manipulativos na proposta desenvolvida possibilitou que as crianças experimentassem, comparassem e representassem quantidades de forma significativa.

Desta forma, essas habilidades foram contempladas de forma integrada, considerando tanto a manipulação concreta quanto a representação simbólica, bem como o desenvolvimento do raciocínio lógico e da autonomia dos estudantes, contribuindo em suas aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de composição e decomposição de números mostrou-se eficaz para promover uma aprendizagem significativa em Matemática no 2º ano do Ensino Fundamental. O uso de materiais concretos associado a ludicidade e registros escritos possibilitou que os alunos compreendessem a estrutura do sistema decimal, desenvolvessem o cálculo mental e construíssem confiança em suas próprias estratégias.

Além disso, o caráter lúdico e colaborativo da proposta favoreceu a participação ativa e motivada dos estudantes, criando um ambiente de aprendizagem prazeroso e desafiador. Essa experiência reforça a importância de diversificar metodologias e valorizar o protagonismo dos alunos no processo de aprendizagem.

Por fim, ressalta-se que a prática pode ser replicada em diferentes séries escolares, adaptando-se a complexidade dos números e das operações trabalhadas. Sua aplicabilidade em contextos de reforço escolar e em turmas inclusivas também se mostrou viável, tornando-se uma proposta versátil e eficaz para o ensino de Matemática nos anos iniciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 14 out. 2025.

LORENZATO, Sérgio. **Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis**. Campinas: Autores Associados, 2006.



Plano de Recomposição de Aprendizagens: Estratégias para o Fortalecimento do Letramento Matemático no 4º Ano do Ensino Fundamental

Bruno Misiak Santana

Licenciado em Letras pela Uninter, Graduando em Pedagogia pela UNEMAT, Professor interino, lotado na Escola Municipal Novo Paraná.

Resumo: O presente relato tem como tema a recomposição das aprendizagens no componente de Matemática em uma turma de 4º ano do ensino fundamental. O objetivo foi elaborar e aplicar um plano que contribuísse para superar as defasagens identificadas, fortalecendo o letramento matemático e promovendo uma aprendizagem mais significativa. Entre os principais desafios, destacou-se a dificuldade dos estudantes em interpretar e resolver situações-problema, relacionando os cálculos com o raciocínio utilizado. Para enfrentar essas dificuldades, foram adotadas estratégias diversificadas, baseadas no processo de reflexão-ação-reflexão, adotando-se uma metodologia multimodal, com o uso de recursos como gamificação, jogos de tabuleiro, dinâmicas e uma apostila personalizada. Os resultados demonstraram avanços expressivos no interesse e participação dos alunos, bem como na melhoria do desempenho nas avaliações. Além disso, observou-se que os estudantes passaram a aplicar os conhecimentos matemáticos em situações cotidianas, evidenciando uma aprendizagem mais contextualizada e significativa.

Palavras-chave: letramento matemático; recomposição de aprendizagens; aprendizagem significativa.

INTRODUÇÃO

A matemática é uma ciência presente em nosso cotidiano, manifestando-se de diversas formas e em diferentes contextos. Apesar de fazer parte das vivências diárias, ainda carrega, na escola, a fama de ser uma disciplina difícil, despertando apreensão em muitos estudantes.

Na turma do 4º ano em que o autor atua como docente, essa realidade se revelou de maneira concreta, além dos resultados abaixo do esperado nas primeiras avaliações externas, como o Programa Criança Alfabetizada, no dia a dia, era perceptível que os estudantes apresentavam lacunas significativas em conceitos de lógica matemática, fundamentais para a construção de conhecimentos mais complexos.

Diante desse cenário, surgiu a necessidade de elaborar um plano de recomposição de aprendizagem capaz de atender às dificuldades individuais e coletivas da turma, fortalecendo a base de conceitos matemáticos e promovendo avanços significativos na aprendizagem.

Para o planejamento dessas ações, foi essencial compreender o conceito e a importância do letramento matemático, que orientou todas as propostas pedagógicas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define o letramento matemático como:

As competências e habilidades de raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente, de modo a favorecer o estabelecimento de conjecturas, a formulação e a resolução de problemas em uma variedade de contextos, utilizando conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas. É também o letramento matemático que assegura aos alunos reconhecer que os conhecimentos matemáticos são fundamentais para a compreensão e a atuação no mundo e perceber o caráter de jogo intelectual da matemática, como aspecto que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação e pode ser prazeroso (fruição) (Brasil, 2018, p.266).

Diante disso, o presente relato apresenta como foi a experiência e o desenrolar do plano de recomposição de aprendizagem no componente de Matemática, destacando os desafios enfrentados, as estratégias adotadas e os resultados alcançados. A escolha por relatar essa prática, entre tantas outras possíveis, se deu pela necessidade de se refletir mais sobre a temática do processo de ensino e aprendizagem de matemática e como torná-lo mais contextualizado, questão que muitas vezes demonstra ser um desafio para diversos professores da educação básica.

Essa proposta foi construída a partir de um planejamento intencional, contínuo e contextualizado, que considerou os aspectos sociais e culturais dos estudantes para tornar a aprendizagem mais significativa. Com este relato, busca-se demonstrar como a recomposição pode ir além da recuperação de conteúdos, promovendo o fortalecimento do letramento matemático, o desenvolvimento do raciocínio lógico e o engajamento dos alunos na construção do conhecimento.

O PERCURSO DA AÇÃO

Um dos pilares que orientou e estruturou todo o percurso foi o processo de reflexão—ação—reflexão, conceito que compreende que o planejamento vai além da prática em si, exigindo análise, preparação e constante reavaliação. Nesse sentido, o primeiro passo foi propor o mapeamento das aprendizagens, buscando compreender, de forma organizada, quais eram as defasagens da turma.

A partir dessa perspectiva, desenvolveram-se diversas propostas com o objetivo de identificar as principais dificuldades dos estudantes. Foram utilizadas diferentes abordagens, como folhas de atividades e recursos de gamificação, por meio do site Kahoot. Com base nesses dados, foi possível categorizar e sistematizar os resultados, elaborando tabelas e gráficos que permitiram identificar as habilidades e conteúdos, que necessitavam de recomposição, orientando assim os passos seguintes do trabalho pedagógico.

Essa observação sensível revelou que as maiores dificuldades estavam relacionadas à interpretação e à resolução de situações-problema. Embora os estudantes conseguissem ler as questões e realizar cálculos corretamente, muitos demonstravam dificuldade em relacionar os conteúdos e justificar suas respostas

com base nas operações utilizadas. Em alguns casos, sabiam o resultado, mas não conseguiam representar o raciocínio que os levou até ele.

Paulo Freire (1988) nos lembra que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ainda que essa afirmação seja frequentemente associada ao processo de alfabetização, ela também fundamentou a presente prática, partindo do entendimento de que, para que uma criança seja letrada e alfabetizada matematicamente, é preciso que consiga relacionar suas vivências com o conhecimento matemático, compreendendo como a matemática se faz presente em seu cotidiano.

Nessa perspectiva, o plano de recomposição buscou promover práticas que relacionassem situações do dia a dia com o uso de operações matemáticas. Para isso, foi adotada uma metodologia multimodal, em que os conteúdos foram abordados sob diferentes perspectivas, favorecendo uma aprendizagem mais significativa.

Os estudantes foram convidados a realizar diversas atividades matemáticas, como resolução de exercícios no caderno, jogos de tabuleiro (como dominó e UNO matemático), jogos digitais (Kahoot, quizzes e slides interativos produzidos pelo docente) e dinâmicas, como o “Jogo da Chave” — em que cada acerto em uma operação rendia uma chave simbólica. A “porta final” só era aberta quando todos os alunos possuíam ao menos uma chave, simbolizando o aprendizado coletivo e a cooperação.

Outra iniciativa foi a produção de uma apostila personalizada, elaborada pelo docente com base nas defasagens identificadas, a fim de fortalecer a prática cotidiana de exercícios matemáticos.

Ao longo do percurso, surgiram diversos desafios, especialmente no esforço de articular a prática dos exercícios com a realidade dos estudantes. Entretanto, com as adaptações e ajustes necessários, o plano de recomposição mostrou-se eficaz, contribuindo para uma aprendizagem mais sólida, contextualizada e significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O plano de recomposição mostrou-se uma estratégia eficaz para recuperar aprendizagens defasadas. Ao longo das práticas, observou-se um aumento expressivo no interesse e na participação dos alunos em propostas que envolviam matemática, além de uma melhora evidente nas avaliações do componente.

Mais importante, porém, foi notar que os estudantes passaram a utilizar os conhecimentos adquiridos como parte de suas próprias vivências: conseguiam relacionar o conteúdo escolar ao mundo ao seu redor. Dessa forma, o plano não apenas contribuiu para o avanço das aprendizagens, mas também fortaleceu uma relação mais significativa, contextualizada e prazerosa com a matemática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª edição. São Paulo. Cortez, 1989.



Aprender e Ensinar em Libras: Um Relato de Inclusão no 5º Ano do Ensino Fundamental

Nágila Daiane Poliwski

Mini currículo – Licenciada em Pedagogia pela UFMT, 2º Licenciatura em Educação Especial pela FAVENI, Professora efetiva, lotada na Escola Municipal Cívico – Militar Gustavo Adolfo Wilke

Resumo: Este relato apresenta a experiência vivenciada com a inclusão de um aluno surdo no 5º ano do Ensino Fundamental. O desafio inicial consistiu na adaptação das práticas pedagógicas, diante da necessidade de aprender junto com o estudante e compreender seu modo de aprender. As estratégias utilizadas envolveram o uso de Libras, a valorização da comunicação visual e a construção de um ambiente escolar de respeito às regras e de interação social. Os resultados alcançados evidenciam avanços significativos na aprendizagem, na socialização e na valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no contexto escolar. A experiência reforça que a inclusão é um processo contínuo, que requer sensibilidade, empatia e compromisso com uma educação verdadeiramente humana e integral.

Palavras-chave: inclusão; surdez; Libras; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar a trajetória vivenciada na inclusão de um aluno surdo no 5º ano da Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke do município de Porto dos Gaúchos – MT. Sendo um estudante nascido no município e que sempre frequentou a rede pública de ensino, sua escolarização traz consigo desafios e conquistas que refletem diretamente a necessidade de adaptação das práticas pedagógicas e da comunicação em sala de aula.

A motivação para desenvolver esta prática surgiu da busca por oferecer um processo de ensino-aprendizagem justa, respeitando as particularidades do estudante e garantindo sua participação efetiva. Assim, foi necessário desconstruir concepções equivocadas sobre inclusão e construir estratégias pedagógicas que realmente promovessem aprendizagens significativas e humanas.

Nesse percurso, compreendeu-se que a inclusão exige mais do que ajustes metodológicos: requer empatia, sensibilidade e disponibilidade para aprender com o outro. Conforme destaca Freire (1996), ensinar é um ato de amor e de coragem, voltado à humanização dos sujeitos e à valorização de suas potencialidades. Inspirada por essa concepção, a prática foi planejada de forma dialógica e colaborativa, buscando compreender o modo singular de aprender do estudante e promover um ambiente de respeito, equidade e cooperação, elementos fundamentais no processo educativo e na formação integral dos estudantes.

DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO

Como professora regente do 5º ano B, escrevo este relato para compartilhar os desafios e conquistas no processo de inclusão deste estudante. Desde o ano passado, ao buscar estratégias para melhor apoiá-lo, contei com o suporte da Secretaria Municipal de Educação, que viabilizou a contratação de uma instrutora de Libras – uma profissional surda. Sua presença foi fundamental para que compreendêssemos melhor o universo da surdez, algo que, enquanto pessoas ouvintes, nem sempre conseguimos perceber em sua totalidade. Ter essa profissional atuando diretamente com o aluno, comigo e com os demais profissionais facilitou significativamente a comunicação e ampliou as aprendizagens de todos os envolvidos, contribuindo para que toda a comunidade escolar desenvolvesse uma compreensão mais ampla sobre a surdez e a comunicação visual. Essa ação vai ao encontro da legislação que garante a Libras como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas (Brasil, Lei nº 10.436/2002). Foi uma experiência enriquecedora, que trouxe contribuições pedagógicas e humanas muito relevantes para o nosso contexto escolar.

Outro ponto de grande relevância nesse processo foi a atuação da minha auxiliar de sala, que acompanha o aluno desde o ano passado. Sua presença diária tem sido essencial para oferecer apoio nas atividades, reforçar as orientações e colaborar na mediação entre o estudante, os colegas e a professora. Além disso, sua sensibilidade e disponibilidade em aprender sobre a surdez e a Libras contribuíram significativamente para o fortalecimento da inclusão, tornando o ambiente escolar mais acolhedor e colaborativo.

No início, a inclusão apresentou dificuldades, pois o aluno não compreendia ou não respeitava regras básicas, o que poderia estar relacionado à ideia equivocada de que, por ser surdo, não precisaria seguir as mesmas normas dos colegas. Tal situação evidenciou a necessidade de trabalhar a inclusão não apenas sob a perspectiva da comunicação, mas também da convivência escolar. Ao longo do processo, tornou-se evidente que a inclusão não significa flexibilizar regras ou abrir mão de exigências pedagógicas, mas assegurar direitos iguais. Esse entendimento está alinhado ao que estabelece o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei da Libras e assegura condições de acesso, permanência e participação dos estudantes surdos na educação básica.

Ao longo do percurso, foram adotadas diferentes estratégias:

- Uso da Libras como principal meio de comunicação;
- Adoção de recursos visuais, como imagens, cartazes e gestos, para favorecer a compreensão dos conteúdos;
- Trabalho coletivo com a turma, promovendo momentos de interação e valorização da diversidade linguística;
- Mediação do respeito às regras e normas escolares, reforçando que inclusão significa direitos e deveres iguais.

Essas ações possibilitaram ao estudante avanços expressivos na comunicação em Libras, na interação com os colegas e no entendimento das normas da escola. Além disso, toda a comunidade escolar foi impactada, passando a valorizar e reconhecer a importância da Libras e da inclusão. As estratégias utilizadas também dialogam com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que prevê a valorização da diversidade linguística e cultural no processo educativo, garantindo equidade no acesso à aprendizagem (BRASIL, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada evidenciou que o processo de inclusão vai além da adaptação curricular: envolve acolhimento, respeito, paciência e, sobretudo, aprendizagem mútua. Aprendi junto com os alunos, reinventando minha prática pedagógica e fortalecendo a compreensão de que a inclusão é um direito que deve ser garantido em sua integralidade.

Os resultados foram satisfatórios, pois o aluno surdo demonstrou avanços na comunicação em Libras, maior participação na comunidade escolar e integração com os colegas. A experiência reafirma que, quando a escola se dispõe a aprender com seus estudantes, o processo educativo se torna mais significativo para todos.

Nesse contexto, compreende-se que a verdadeira inclusão se concretiza quando a educação reconhece o ser humano em sua totalidade, integrando razão, emoção e prática social. Freire (1996) nos lembra que a formação não se reduz à transmissão de conteúdos, mas envolve o desenvolvimento da consciência crítica e do compromisso com o outro. Assim, incluir é também humanizar o ensino, permitindo que todos os sujeitos aprendam e ensinem em diálogo, solidariedade e respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436/2002. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.



Dupla Dinâmica na Inclusão: Desvendando os Desafios e Fortalecendo a Parceria Entre Professor Regente e Auxiliar no Processo de Ensino e Aprendizagem Inclusivo

Jeferson Candido de Oliveira Santos

Licenciado em Pedagogia pela UNEMAT, Professor interino lotado na Educação Básica.

Nayara Minozzo Gonçalves

Licencianda em Pedagogia pela FAVENI, Auxiliar de Sala lotada na Educação Básica.

Resumo: O presente relato aborda a importância da parceria entre o professor regente e o auxiliar de sala no processo de inclusão de um aluno com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), na Educação Básica. A experiência evidencia como a atuação em dupla dinâmica contribui para enfrentar os desafios diários do ensino e da aprendizagem, principalmente em contextos de vulnerabilidade, como o das escolas do campo. Através da adoção de estratégias específicas voltadas ao comportamento e à construção de vínculos, foi possível promover avanços significativos no desenvolvimento socioemocional e acadêmico do aluno. O relato reforça o papel do trabalho colaborativo como elemento fundamental para uma educação verdadeiramente inclusiva.

Palavras-chave: Inclusão escolar; educação do campo; desenvolvimento socioemocional.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo central relatar os desafios e avanços no ensino e aprendizagem de um aluno com Transtorno no Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na Educação Básica. Os resultados desse relato de experiência só foram possíveis através de uma parceria bem alinhada entre o professor regente e o auxiliar de sala. Os desafios são significativos, envolvendo a manutenção do foco, o controle da impulsividade e a gestão das demandas escolares em um ambiente de turma mista. O sucesso dessa intervenção resulta diretamente da capacidade da dupla em compartilhar observações, dividir responsabilidades e aplicar estratégias consistentes para que o aluno consiga romper barreiras e paradigmas e avançar nas habilidades propostas para a sua aprendizagem.

INTERVENÇÃO AFETIVA: A BASE PARA O AVANÇO PEDAGÓGICO

Desde o início do ano, ao ser atribuída como auxiliar do atendimento educacional especializado (AEE), numa turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, a auxiliar já foi orientada da responsabilidade envolvida bem como da importância da compreensão e dedicação nas tarefas de apoio. Durante o convívio, acompanhamento e atuação em sala, tanto do apoio do AEE, quanto do professor,

foram percebidos desafios na interação social, sendo marcada por comportamentos mais impositivos em situações de convivência com os pares.

Compreendemos assim, que habilidades socioemocionais importantes como: empatia, autocontrole e respeito aos limites dos outros, estavam em desenvolvimento, cabendo a nós o auxílio para a construção de formas mais positivas de se relacionar.

Assim observamos e partimos do entendimento que um ensino comprometido, deve considerar que antes de avançar de forma plena nos conteúdos acadêmicos, é era preciso consolidar e fortalecer aspectos emocionais e sociais com as crianças. Questões como o controle dos impulsos, convivência respeitosa e expressão adequada das emoções são fundamentais, pois funcionam como a base sobre a qual a aprendizagem acontece. Considerando ainda “aquilo que a criança é capaz de fazer hoje com a ajuda de alguém, será capaz de fazer sozinha amanhã” (Vygotsky, 1998, p. 112)

Quando a criança desenvolve essas competências sócio emocionais, ela consegue se concentrar melhor, escutar, participar e aprender de forma mais significativa, e acima de tudo ela consegue desenvolver laços emocionais, principalmente criar amizades, o que fortalece sua autoestima. “Incluir não é apenas colocar o aluno [...] na sala de aula regular, mas transformar as práticas escolares para que todos aprendam e participem de forma efetiva” (Mantoan, 2003, p. 28).

Neste sentido as ações e atuação em sala de aula, mediadas pela profissional do apoio, juntamente com o professor regente se sustentou em focar em práticas voltadas ao desenvolvimento das habilidades necessárias no atendimento ao aluno em parceria com a família, para que fosse possível se beneficiar e acessar plenamente das propostas pedagógicas e fortalecer também os laços de amizade, que como sabemos, também é muito importante em sala de aula como também para a vida, assim buscamos estabelecer em linguagem adequada: combinados claros, reforço positivo, entre outras estratégias para canalizar sua energia e trabalhar a empatia.

Neste movimento o apoio em conjunto com a família foi fundamental, de modo que aos poucos o aluno passou a nos ver com olhos de confiança. Para nós como profissionais da educação, o mais gratificante em tudo, foi ver a conexão gerada com as outras crianças a partir da mudança de comportamento, como relata a profissional do apoio, ver as crianças “convidá-lo para as brincadeiras, e acima de tudo vê-lo contendo seus impulsos quando algo o desagradava, demonstrando regulação emocional dá a sensação de dever cumprido”.

Tal preocupação demonstra compromisso ético com a profissão, sabemos que a regulação emocional é desafio mesmo entre adultos, portanto, pautar nosso trabalho considerando as especificidades das nossas crianças permite que tenhamos um olhar acolhedor e inclusivo na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o desenvolvimento pleno dos nossos alunos aconteça, principalmente no contexto da Educação Especial, é fundamental que sejam adotadas metodologias específicas e individualizadas, que respeitem e atendam às particularidades de cada estudante. Conhecer as especificidades de cada criança é o primeiro passo para criar estratégias pedagógicas eficazes, que realmente promovam a aprendizagem e a inclusão. Segundo Mantoan (2003), a inclusão escolar vai além da matrícula de alunos com deficiência, exigindo mudanças reais nas práticas pedagógicas para garantir a aprendizagem e participação de todos.

No processo de inclusão, a principal demanda a nós apresentada esteve relacionada ao comportamento.

Diante disso, a parceria entre auxiliar de sala e o professor regente foi crucial, de modo que optamos por direcionar a metodologia para o fortalecimento de habilidades socioemocionais. Acreditamos que esse caminho foi essencial para construir uma ponte entre interação e a aprendizagem, contribuindo não apenas para a melhora da convivência escolar, mas também para o aumento da atenção e do engajamento do aluno nas atividades pedagógicas. De acordo com Vygotsky (1998), o desenvolvimento das crianças ocorre inicialmente por meio da mediação de outros, e essa interação é essencial para que elas se tornem progressivamente autônomas.

Reconhecemos que ainda temos muitos avanços a conquistar no que diz respeito à implementação de práticas inovadoras e inclusivas. No entanto, sendo uma escola do campo, com limitados recursos ao atendimento de crianças com necessidades educacionais especiais, buscamos soluções criativas e adaptadas à nossa realidade. Muitas vezes, recorremos a improvisos e estratégias simples, mas pensadas com cuidado, para que pudéssemos contemplar as habilidades dos alunos de forma integral.

Dessa forma, mesmo diante dos desafios, conseguimos observar importantes avanços no desenvolvimento do aluno, especialmente no que se refere ao comportamento, à socialização e ao controle emocional. Isso nos mostra que, com sensibilidade, dedicação e metodologias adequadas, é possível promover mudanças significativas na trajetória escolar de cada estudante, garantindo um ambiente mais acolhedor, inclusivo e propício à aprendizagem.

REFERÊNCIAS

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.



Da Rotina ao Acolhimento: Reflexões a Partir de uma Prática Exitosa na Construção de uma Rotina Segura e Afetiva no Transporte dos Alunos

Nayara da Silva Minozzo Gonçalves

Graduanda em Pedagogia pela Faveni, Auxiliar de sala interina, lotada na Escola Municipal Novo Paraná.

Keřaly Leão da Silva

Capacitada em auxiliar de desenvolvimento infantil e auxiliar de sala pela Faveni, Auxiliar de sala interina, lotada na Escola Municipal Novo Paraná.

Iuslaene Pereira dos Santos

Graduanda em Pedagogia pela Faveni, Auxiliar de sala interina, lotada na Escola Municipal Novo Paraná.

Resumo: O relato apresenta uma prática desenvolvida pelas profissionais do Apoio Administrativo Educacional – Auxiliares de sala, voltada à organização e acolhimento dos alunos no embarque escolar. O objetivo da ação foi garantir segurança e tranquilidade na saída dos estudantes, superando a desorganização e os atrasos que ocorriam anteriormente. A estratégia adotada envolveu divisão de tarefas e formação de filas por ônibus, com acompanhamento constante das auxiliares. Suscitando questões como identidade e engajamento profissional. Como resultado, houve melhoria na rotina escolar, maior cooperação entre as profissionais e fortalecimento dos vínculos afetivos com as crianças. A ação demonstra ainda senso de pertencimento, autonomia no exercício da função e prática exitosa de trabalho em equipe.

Palavras-chave: rotina pedagógica; acolhimento; trabalho coletivo.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar uma prática exitosa desenvolvida pelas auxiliares de sala na Escola Municipal Novo Paraná, voltada à organização e ao acolhimento dos alunos no momento de embarque nos ônibus escolares. A iniciativa surgiu a partir da necessidade de tornar esse momento mais seguro, tranquilo e eficiente, evitando atrasos e garantindo que todas as crianças fossem devidamente acompanhadas até seus respectivos transportes.

A proposta envolveu a criação de uma rotina colaborativa entre as auxiliares, com divisão de responsabilidades e acompanhamento atento desde o término das aulas até o embarque dos estudantes. Essa prática, embora simples em sua execução, revelou-se significativa do ponto de vista pedagógico, por contribuir para o fortalecimento do vínculo afetivo entre os alunos e os profissionais, promovendo um ambiente escolar mais acolhedor, organizado e seguro.

Ao reconhecer que o cuidado e o acolhimento também fazem parte do processo educativo, essa experiência reflete uma compreensão ampliada da função das auxiliares e sua atuação na escola, que ultrapassa o apoio técnico e se insere no campo da formação humana e do desenvolvimento integral dos estudantes, demonstrando forte senso de pertencimento e de trabalho em equipe. Influenciando diretamente no desenvolvimento profissional das auxiliares de classe. Como

pontua Júnior *et.al* (2023, p.02), “nenhuma identidade se mantém igual ao que foi no dia anterior”. Ou seja, as ações e experiências que nos atravessam acabam por influenciar na nossa constituição identitária.

DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

A prática teve início a partir da observação de que, no momento da saída, os alunos que utilizavam o transporte escolar frequentemente se dispersavam após o lanche, brincando eles acabavam se atrasando para o embarque. Essa situação gerava preocupação, pois havia o risco de algum aluno se perder ou ficar para trás, considerando ainda o desgaste para reunir todos. Diante disso, as auxiliares se reuniram para pensar em uma solução prática que garantisse mais segurança e fluidez nesse momento do dia.

A partir dessa reflexão, decidiu-se pela organização dos alunos em filas correspondentes a cada ônibus, garantindo que todos permanecessem juntos até o momento do embarque. Para otimizar o processo, foi elaborada uma rotina colaborativa, na qual as auxiliares se revezavam semanalmente na função de realizar a chamada e acompanhar os estudantes. As demais profissionais auxiliavam na formação das filas e na observação geral do pátio e do refeitório, assegurando que todos os alunos estivessem sob supervisão.

Além da organização logística, o momento também passou a ser um espaço de acolhimento e escuta. As auxiliares aproveitavam a oportunidade para observar o estado emocional das crianças, oferecer palavras de incentivo e garantir que cada aluno se sentisse cuidado e valorizado. Essa atenção afetiva contribuiu para a construção de um ambiente mais harmonioso, onde o respeito mútuo e a cooperação se fortaleceram tanto entre os profissionais quanto entre os alunos.

A adoção dessa prática transformou o cotidiano escolar. O clima entre as auxiliares tornou-se mais leve, já que a divisão de responsabilidades evitou sobrecargas e favoreceu o trabalho em equipe. As crianças, por sua vez, demonstraram maior tranquilidade e segurança durante o embarque, compreendendo a importância da organização e da convivência respeitosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada demonstra que pequenas ações cotidianas podem gerar grandes transformações na dinâmica escolar. A prática de organização das filas para o embarque dos alunos, aliada ao olhar acolhedor das auxiliares, contribuiu não apenas para a melhoria da rotina, mas também para o fortalecimento dos vínculos afetivos e da cultura de cuidado no ambiente escolar.

Do ponto de vista pedagógico, a ação reafirma a importância da atuação das auxiliares como parte integrante do processo educativo, reconhecendo que o acolhimento, a escuta e o zelo são dimensões essenciais para o desenvolvimento

integral das crianças. Além disso, reforça o valor da colaboração entre profissionais da escola, mostrando que o trabalho coletivo e o diálogo constante são fundamentais para a construção de práticas bem-sucedidas.

Assim, mais do que uma estratégia de organização, essa experiência representa um gesto pedagógico de cuidado e responsabilidade compartilhada, que contribui para a formação de uma escola mais humana, segura e acolhedora.

REFERÊNCIAS

JUNIOR, Orlando Marreiro de Souza; JANUARIO, Paulo Clepard Silva; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus; RODRIGUES, Graciele Massoli. **Conhecimento sobre identidade profissional docente na educação física**. Movimento, v.29, e29028, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.120687>



Era Uma Vez: O Encanto da Leitura na Educação Infantil

Claudiane Eidt Bertol

Especialista em Educação Infantil pela CBM, Gestão Escolar pela UFMT e Educação Interdisciplinar pela AVEC, Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Grande ABC, Professora efetiva, lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Flávia Ferreira Muniz

Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela FACINTER, Gestão Escolar pela UFMT e Libras e Educação Inclusiva pelo IFMT, Licenciada em Pedagogia pela FAFIBE e em Letras pela Uninter, Professora efetiva, lotada na Secretaria Municipal de Educação, atuando na Creche Municipal Pequeno Príncipe.

Resumo: O relato apresenta o projeto “Era uma vez... Leitura na Educação Infantil”, desenvolvido para despertar o prazer pela leitura em bebês e crianças pequenas. Frente ao desafio de aproximar os pequenos do universo letrado, foram utilizadas estratégias lúdicas, como contação de histórias, dramatizações, musicalização e recursos visuais. As ações estimularam atenção, imaginação, criatividade e expressão corporal, envolvendo também as famílias. Os resultados indicaram ampliação do vocabulário, maior participação das crianças e fortalecimento da oralidade e da ludicidade como práticas pedagógicas.

Palavras-chave: educação infantil; leitura; contação de histórias.

INTRODUÇÃO

O estímulo à leitura desde os primeiros anos de vida constitui uma ferramenta essencial para o desenvolvimento integral das crianças, favorecendo a construção da linguagem, a ampliação do vocabulário, o desenvolvimento do pensamento e a criatividade. Ciente dessa importância, a equipe da Creche Municipal Pequeno Príncipe identificou a necessidade de implementar uma proposta que tornasse o contato com a leitura mais prazeroso e significativo para os bebês e crianças pequenas atendidos na instituição.

A motivação para o projeto “Era uma vez... Leitura na Educação Infantil” surgiu a partir da observação de que, embora a leitura seja amplamente reconhecida como um elemento transformador no processo de aprendizagem, muitos dos pequenos demonstravam pouco interesse ou dificuldade em se envolver com as histórias contadas no cotidiano escolar. Diante desse desafio, a equipe buscou desenvolver estratégias que integrassem elementos lúdicos, visuais e musicais, capazes de aproximar as crianças do universo letrado de forma sensível e acolhedora.

O projeto propôs-se, assim, a oferecer oportunidades de contato com histórias de diferentes formatos, estimulando não apenas a escuta e a atenção, mas também a imaginação, a expressão corporal e a criatividade. Pretendeu-se, ainda, fortalecer os vínculos entre educadores e crianças, além de envolver as famílias no processo de aprendizagem. Por meio dessa ação, almejou-se construir um espaço de experimentação e encantamento, em que a leitura deixasse de ser apenas uma atividade acadêmica e se tornasse uma experiência afetiva, significativa e contínua.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

O projeto “Era uma vez... Leitura na Educação Infantil” foi desenvolvido com turmas de Berçário I e II, Maternal I e II, atendendo bebês (de 1 ano a 1 ano e 6 meses) e crianças bem pequenas (de 1 ano e 6 meses a 3 anos e 11 meses). As ações ocorreram ao longo de todo o ano letivo, com contações de histórias quinzenais realizadas por dois grupos: a equipe gestora, composta por direção e coordenação, e os professores, durante a hora-atividade.

As atividades foram planejadas de maneira a integrar o lúdico, a imaginação e a interação social, buscando atender às especificidades de cada faixa etária. Para os bebês, os objetivos incluíram a demonstração de interesse por histórias e músicas, o contato com diferentes formas de linguagem oral, a exploração de objetos e imagens relacionados às narrativas e o início do processo de escuta atenta, expressando reações por meio de sorrisos, balbucios ou gestos. Já para as crianças bem pequenas, os objetivos contemplaram a ampliação do vocabulário, a participação ativa em situações de escuta, o recontar de histórias com apoio de imagens e gestos, a exploração da leitura simbólica e o desenvolvimento da imaginação, criatividade e expressão corporal.

Para tornar a experiência mais envolvente, foram utilizados recursos diversificados, como fantoches, livros de pano, livros com imagens ampliadas, fantasias e adereços simples (lenços, coroas, capas e chapéus), instrumentos musicais (chocalhos, pandeiros, palmas) e elementos naturais (folhas, flores, galhos), especialmente em histórias realizadas ao ar livre. Além disso, registros fotográficos e audiovisuais permitiram o compartilhamento das atividades com as famílias, fortalecendo o vínculo entre escola e comunidade.

A prática evidenciou a necessidade de adaptações. Em um dos momentos marcantes, durante a contação da história da serpente cantada para a turma do Berçário I, a presença de pessoas com máscaras gerou receio em algumas crianças. A equipe, então, decidiu retirar as máscaras e priorizar a familiaridade com os rostos e vozes das educadoras, tornando o ambiente mais acolhedor. Essa mudança resultou em maior participação e envolvimento dos bebês, revelando a importância da escuta das necessidades e reações das crianças no planejamento das atividades.

Os resultados observados ao longo do projeto foram expressivos: houve ampliação do vocabulário e das expressões corporais; maior participação e interação das crianças durante as histórias; estreitamento dos vínculos entre crianças e educadores; envolvimento das famílias por meio do compartilhamento de registros; e aumento da segurança das professoras em trabalhar a oralidade e a ludicidade no cotidiano. As ações foram realizadas em diferentes espaços da creche, salas de aula, áreas externas, pátio e refeitório, favorecendo vivências mais dinâmicas e significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas ao longo do projeto “Era uma vez... Leitura na Educação Infantil” revelaram-se extremamente significativas para o desenvolvimento das crianças. O entusiasmo, a curiosidade e a participação ativa demonstrados em cada contação de história evidenciaram que o objetivo de despertar o prazer pela leitura foi amplamente alcançado.

As histórias com musicalização se destacaram, promovendo maior envolvimento e interação das crianças, ao mesmo tempo em que fortaleceram a imaginação, a expressão corporal e a criatividade. A adaptação das estratégias, respeitando o ritmo e as necessidades de cada faixa etária, mostrou-se essencial para o sucesso da proposta, evidenciando a importância da flexibilidade pedagógica na Educação Infantil.

O compartilhamento das experiências com as famílias, por meio de registros fotográficos e audiovisuais, contribuiu para estreitar vínculos e consolidar a parceria escola-família, ampliando o impacto do projeto para além do ambiente escolar. Além disso, a participação ativa da equipe gestora e dos professores fortaleceu a confiança na utilização de recursos lúdicos e na promoção da oralidade como prática pedagógica cotidiana.

A iniciativa mostrou-se alinhada aos Campos de Experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), favorecendo a integração entre linguagem, corpo, espaço, tempo e convivência. Como em toda boa história, este relato também tem um “final feliz”, que não representa encerramento, mas um novo começo, enquanto houver histórias para contar, haverá ouvidos atentos, olhos brilhando de encantamento e possibilidades infinitas de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NOVA ESCOLA (org.). **Material educacional Mais Infância Mato Grosso:** crianças bem pequenas - educação infantil. Organização Associação Nova Escola, 1.ed. São Paulo: Associação Nova Escola, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

Organizadores

Eliane Maria de Jesus

Doutoranda em Educação (PPGEdu/UNEMAT), Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Professora formadora do Núcleo de Formação Educacional de Porto dos Gaúchos -MT.

Rosa Amélia Caccia

Pedagoga pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Especialista em Ressignificando o uso da Linguagem. Coordenadora do Núcleo de Formação Educacional/Programa Alfabetiza MT e Articuladora do Renalfa (Rede Nacional pela Alfabetização/MEC) em Porto dos Gaúchos/MT.

Bruno Misiak Santana

Licenciado em Letras pela Uninter, Licenciando em Pedagogia pela UNEMAT, Especialista em Educação do Campo, professor na Educação Básica em Porto dos Gaúchos -MT.

Vanessa Suligo Araújo Lima

Doutoranda em Educação (PPGEdu/UNEMAT). Mestra em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM/UNEMAT). Licenciada em Matemática (UNEMAT) e em Educação Física (UNB), com Bacharelado em Educação Física – (Claretiano). Docente da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso - (SEDUC/MT), Diretoria Regional de Ensino de Tangará da Serra- MT, Escola Estadual Alfredo José da Silva, Barra do Bugres-MT.

A

acesso 6
acolhimento 53, 54
alfabetização 31, 32, 33, 34, 35, 37
aprendizado 24, 25, 26, 27
aprendizagem 13, 14, 47, 49
aprendizagem significativa 43
aprendizagens 43, 44, 45

B

BNCC 17
brincar 13, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 27

C

campo 50, 52
cantigas de roda 28, 29
composição 39, 40, 42
confiança 28, 29, 30
consciência fonológica 24, 26, 28, 29
contação de histórias 56
corporais 28, 29
corporal 28, 29
criança 24, 25, 26, 27
crianças 24, 25, 26, 28, 29, 30, 35, 36, 37, 38, 56, 57, 58
cuidado 13, 14, 15
curiosidade 35, 36, 38

D

decomposição 39, 40, 41, 42
desenvolvimento 50, 51, 52
desenvolvimento socioemocional 50

E

educação 50, 51
educação infantil 17, 18, 19, 20, 23, 28, 56, 58
ensino-aprendizagem 17, 39
escola 31, 32, 33, 34
escritas 35, 36
estratégia 28

F

família 31, 32, 33, 34
fonológica 28, 29
formação 31, 32, 34

G

gênero textual 35, 36

H

histórias 56, 57, 58

I

inclusão 47, 48, 49
Inclusão escolar 50, 52
infantil 24
influência 6
interpretação 6

J

jogo lúdico 24

L

leitura 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 56, 57, 58
letramento 35, 36, 39
letramento matemático 43, 44
Libras 47, 48, 49
LIBRAS 47
linguísticas 28
literatura infantil 31
lúdica 28, 29
lúdico 17

M

matemática 39, 42
matemático 39
meio ambiente 20, 21, 22
motricidade 24
musicalização 56, 58

N

números 39, 40, 41, 42

P

pedagógica 53
PPP 17
protagonismo 24, 26
protagonismo infantil 24

R

reciclagem 20, 21, 22
recomposição 43, 44, 45
rotina 53, 54

S

serviços 6
sistema 6
sociais 28, 29
socialização 17
socioambiental 20, 21
socioemocional 50
surdez 47, 48

T

trabalho coletivo 53, 55

